

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
FUNDO NACIONAL DE
DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

PNLD
2017

GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS
ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS

ARTE

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
FUNDO NACIONAL DE
DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO



GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS
ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS

ARTE

Brasília 2016

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Educação Básica – SEB

Diretoria de Apoio à Gestão Educacional – DAGE

Coordenação-Geral de Materiais Didáticos – COGEAM

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE

Diretoria de Ações Educacionais – DIRAE

Coordenação-Geral dos Programas do Livro – CGPLI

EQUIPE TÉCNICO-PEDAGÓGICA – SEB

Cristina Thomas de Ross

Edivar Ferreira de Noronha Júnior

José Ricardo Albernás Lima

Kátia Grazielle Salmente de Oliveira

Leila Rodrigues de Macêdo Oliveira

Lenilson Silva de Matos

Samara Danielle dos Santos Zacarias

Tassiana Cunha Carvalho

EQUIPE DO FNDE

Sônia Schwartz

Edson Maruno

Auseni Peres França Millions

Ricardo Barbosa Santos

Ana Carolina Souza Luttner

Geová da Conceição Silva

DESIGN

PROJETO GRÁFICO

Breno Chamie

Hana Luzia

DIAGRAMAÇÃO DE CONTEÚDO

Anderson L. de Souza (FEEVALE)

Diogo Cassel (FEEVALE)

COLABORAÇÃO

Anderson L. de Souza

Andréia F. Malaquias

Fernando Vasconcelos

Nícolas Lopes Pereira

Simone Rocha da Conceição

COORDENAÇÃO DO GUIA DIGITAL

Franck Gilbert René Bellemain (UFPE)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Centro de Informação e Biblioteca em Educação (CIBEC)

Bibliotecário Responsável: Tiago de Almeida Silva CRB-1 2976

B823p Brasil. Ministério da Educação. **PNLD 2017: arte – Ensino fundamental anos finais /** Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2016.

068 p.

ISBN: 978-85-7783-221-7

1. Educação Escolar – TBE. 2. Livro Didático – TBE. 3. Ensino Fundamental – TBE.

4. Arte – TBE.

I. Ministério da Educação II. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

III. Título

CDU 028.1:7.01(036)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Esplanada dos Ministérios, Bloco L, Sala 500

CEP: 70047-900

Brasília/DF

EQUIPE RESPONSÁVEL PELA AVALIAÇÃO

COMISSÃO TÉCNICA

Dra. Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro (UFRJ)
Dra. Iole de Freitas Druck (USP)
Dra. Lucia Gouvêa Pimentel (UFMG)
Dr. Márcio Araújo de Melo (UFT)
Dra. Maria Inês Petrucci Rosa (UNICAMP)
Dra. Marísia Margarida Santiago Buitoni (UERJ/PUC-SP)
Dra. Vera Lucia de Albuquerque Sant'Anna (UERJ)

EQUIPE RESPONSÁVEL PELA AVALIAÇÃO DE RECURSOS

Andrea Lastoria (USP) - Doutora em Educação
Ângela M. C. Ferreira (UERJ) - Doutora em Letras Neolatinas
Antônio Andrade Jr. (UFRJ) - Doutor em Letras
Arnaldo Pinto Junior (UNICAMP) - Doutor em Educação
Beatriz A. K. de Sánchez (UERJ) - Mestre em Linguística
Beatriz Fernandes Caldas (UERJ) - Doutora em Letras
Carla Beatriz Meinerz (UFRGS) - Doutora em Educação
Carmem Fernandez (USP) - Doutora em Química
Dakir L. Machado da Silva (UFRGS) - Doutor em Geografia
Érica de Cássia Maia (UFT) - Mestrado em Letras
Jairo P. da Silva (UFRJ) - Doutor em Ciências Biológicas
Janete S. dos Santos (UFT) - Doutora em Linguística Aplicada
João S. Rocha (SEDUC-PE) - Mestre em Educação Matemática e Tecnológica
Leda Maria de Barros Guimaraes (UFG) - Doutora em Artes
Luis Reznik - Doutor em Ciência Política (UERJ)
Mafalda N Francischett (UNIOESTE) - Doutora em Geografia
Marcus de Souza Araújo (UFPA) - Mestre em Letras
Maria C. F. da Silva (UESC) - Doutora em Engenharia de Produção
Maurício Compiani (UNICAMP) - Doutor em Educação
Mauro Luiz Rabelo (UnB) - Doutor em Matemática
Núbia Silva dos Santos (UFTO) - Mestre em Letras
Sérgio Henrique Carvalho Vilaça (URCA) - Doutor em Artes
Teresinha Fumi Kawasaki (UFMG) - Doutora em Educação
Viviane Maria Heberle (UFSC) - Doutora em Letras

INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL PELA AVALIAÇÃO

Selecionada pela Chamada Pública nº 1/2015 (DOU 13/04/15)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Paola Zordan (UFRGS) - Doutora em Educação

COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL

Luciane Uberti (UFRGS) - Doutora em Educação

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DO GUIA DO LIVRO DIDÁTICO

Andrea Hofstaetter (UFRGS) - Doutora em Artes Visuais

COORDENAÇÃO ADJUNTA

Luciana Gruppelli Loponte (UFRGS) - Doutora em Educação

ASSESSORIA PEDAGÓGICA

Celso Vitelli (UFRGS) - Doutor em Educação

AVALIADORES

Ana C. L. de Assunção (URCA/CE) - Mestre em Artes Visuais
Ana Valéria de F. da Costa (UERJ) - Doutora em Educação
Andréa S. Coutinho (Cap/UFJF) - Doutora em Estudos da Criança
Cayo Vinicius H. da Silva (UNB) - Doutor em Educação
Elaine M. T. Bastianello (REE/RS) - Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural
Eleonora C. M. Santos (UFPEL) - Doutora em Artes Cênicas
Elisabete Maria Garbin (UFRGS) - Doutora em Educação
Erinaldo Alves do Nascimento (UFPB) - Doutor em Artes
Jorge Leal Eiró da Silva (UFPA) - Doutor em Educação
Juliano Reis Siqueira (UEL/PR) - Mestre em Educação
Karine Storck (SME/RS) - Mestre em Educação
Maria Cecília A. R. Torres (IPA/RS) - Doutora em Educação
Maria Emilia Sardelich (UFPB) - Doutora em Educação
Vanessa Priscila da Costa (SME/RS) - Mestre em Educação
Wagner Ferraz (UFRGS) - Mestre em Educação

LEITURA CRÍTICA

Aldo Victorio Filho (UERJ) - Doutor em Educação
Carla Andrea Silva Lima (UFMG) - Doutora em Artes
Valdemar Schultz (SME/RS) - Mestre em Educação

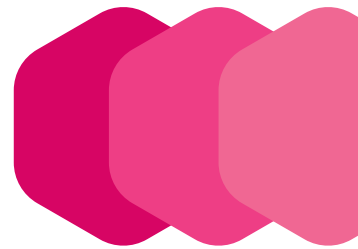
REVISÃO DO TEXTO

Jane da Costa Naujorks (UFRGS) - Doutora em Letras
Lucia Gouvêa Pimentel (UFMG) - Doutora em Artes
Equipe de Coordenação de Arte (UFRGS)

APOIO TÉCNICO/ADMINISTRATIVO

Juliana Veiga de Freitas (UFRGS) - Mestre em Educação
Alessandra de Oliveira Petry (UFRGS) - Bacharel em Publicidade e Propaganda e Relações Públicas

SUMÁRIO



007

POR QUE LER O GUIA?

009

ARTE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

009 Uma área de múltiplos saberes

011 Para quem os livros são feitos

013 Em ritmo de sala de aula

015 Percursos para todas as modalidades

016 O livro didático de Arte

018 Uso pedagógico e sustentável

021

PRINCÍPIOS E CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

026

COLEÇÕES APROVADAS

026 Partes em composição

027 Arte para todos

030 De tudo o que se encontra nos livros de Arte

034 Concepções e conteúdos

036 Aprender e ensinar Arte com livros didáticos

039

RESENHAS DE ARTE

040 Projeto Mosaico - Arte

048 Por toda parte

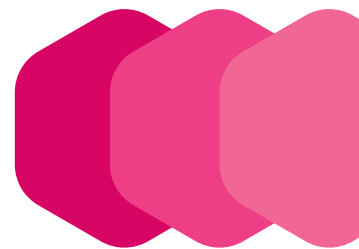
055

FICHA DE AVALIAÇÃO

063

REFERÊNCIAS

POR QUE LER O GUIA?



Prezada professora e prezado professor!

É com satisfação que entregamos a vocês o Guia do PNLD 2017 do componente curricular Arte, referente aos anos finais do Ensino Fundamental. Para começar a leitura e conhecer o que hoje se apresenta nos livros didáticos de Arte, convidamos todos a entrar numa ciranda e, uma vez na berlinda, responder *sim*.

Quem aí dança maracatu? Ou alguma vez se deparou com uma *Videocriatura*? Alguém já viu azulejo de papel? Já escutou banda de pífano? Pode dizer por quantos lugares desse Brasil há festejo de Boi? Já ouviu falar de Chico Rei? Para que serve um parangolé? Sabe o que é um zootrópio? Alguma vez pensou que 99 centavos pode ser motivo para a arte? Já pensou que mesmo para quem nunca estudou música é possível identificar a entrada de vozes dentro de um cânone? Quem pode responder o que o Teatro devota ao Sático? Reconhece pela voz o brasileiro Nelson Machado? Alguma vez sua comunidade pensou em autoconstrução? Será difícil tocar um xqueré? O que se pode pensar ao olhar uma pintura de Benedito Calixto? Pode imaginar que Rosana Urbes mostra que ilustrações podem ser feitas com caneta esferográfica? Sabia que uma música pode ser silêncio? Por que um DJ é tão importante? E a sonoplastia, por que o mundo seria outra coisa sem ela? E o que sabe sobre o butô, que veio depois da explosão de uma bomba atômica? E os desenhos *kusiwa*, alguém já tentou imitar? Que tal cantar o *Rap do real*?

Sentiram curiosidade sobre todas essas coisas? Se não souberem dizer sim, ótimo! É muito bom descobrir o que não se sabe. As coleções aprovadas no PNLD 2017 – Arte trazem isso. Feito especialmente para vocês, este Guia tem como objetivo auxiliar na escolha dos livros didáticos de Arte a serem usados nas escolas públicas brasileiras. Além de responder ao tanto que não sabemos sobre as muitas artes do Brasil e do restante do mundo, entendemos que o livro didático se caracteriza como um apoio fundamental ao desenvolvimento do trabalho pedagógico nas escolas, seja pelo desafio que possibilita as aprendizagens dos estudantes, seja pelas contribuições para a formação continuada de professoras e professores. Os livros trazem referências, atividades, imagens, propostas e textos adequados aos desafios necessários aos estudantes, bem como orientações, no Manual do Professor, que auxiliam no planejamento do ensino de Arte.

Este Guia traz o resultado de um criterioso processo de avaliação realizado por uma equipe

de professoras e professores, especialistas e pesquisadoras e pesquisadores da área de Arte e de Ensino de Arte das diferentes regiões do país, de modo a contribuir com visões e com experiências diversificadas. O intuito é expandir as possibilidades do que é tratado nas aulas de Arte.

Pretende-se que este Guia colabore para a reflexão a respeito da prática docente neste componente curricular e para dar conta de algumas das principais questões que perpassam o cotidiano escolar, a partir das coleções aprovadas. O Guia contém uma parte inicial com apresentação geral das obras aprovadas, com comentários sobre como os livros didáticos podem ser usados e que tipos de abordagem metodológica suscitam, bem como quais foram os conceitos e critérios norteadores da avaliação e qual o instrumento utilizado. Contém, também, na seção das resenhas, uma descrição mais detalhada de cada uma das duas coleções aprovadas, destacando aspectos relevantes para auxiliar na escolha de uma delas.

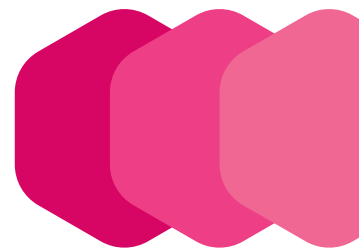
Acreditamos que, após a leitura deste Guia, vocês contarão com vários elementos necessários para fazer a escolha da obra que melhor se adequar ao seu contexto de trabalho. Esperamos que o conhecimento das especificidades das obras, aliado ao conhecimento que cada professora e professor têm sobre a realidade sociocultural de sua escola e de seu respectivo Projeto Político-Pedagógico, contribua para a escolha pedagogicamente mais produtiva.

Em Arte há muitos temas e elementos para serem abordados. São questões e temáticas capazes de serem usadas nas mais diversas situações em sala de aula. Alguma dúvida? Siga lendo para entender melhor do que isso tudo se trata.

Boa leitura!

Equipe de Arte

ARTE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL



Uma área de múltiplos saberes

Arte é uma das áreas de conhecimento e um dos componentes curriculares presentes na Educação Básica. Como componente curricular, está organizada nas seguintes modalidades: Artes Audiovisuais e Visuais, Dança, Música e Teatro. As Artes Audiovisuais e Visuais englobam tanto artefatos de cunho gráfico, pictórico, escultórico, tecnológico, fílmico e fotográfico, como intervenções em objetos, no próprio corpo, no espaço de obras arquitetônicas, no ambiente externo das cidades e em ambientes naturais. A Dança acontece nos movimentos do corpo, conectando-o a sons, ao espaço, a diversos organismos que interagem no espaço e, muitas vezes, ao tempo musical. A Música é a arte sonora, da organização de sons, espaço-temporal, que tanto pode estar associada ao corpo em movimento, quanto interessada na obtenção de sons especiais por meio de instrumentos ou voz, podendo, ainda, relacionar-se com diversos ambientes e variados textos. O Teatro é a arte que conecta corpo e outros elementos na criação presencial de cenas. Artes Audiovisuais e Visuais, Dança, Música e Teatro são campos de conhecimento que exigem distintos e específicos processos de formação, tanto na Licenciatura, quanto no Bacharelado, cujos cursos tratam das especificidades de cada componente em articulação com os saberes que dizem respeito ao ato criativo e expressivo norteador de todos os tipos de arte.

A atual política educacional reconhece Arte como área do conhecimento legítima e institui seu ensino como obrigatório nas comunidades escolares do Brasil. As diversas expressões dessa área apresentam multiplicidades de saberes junto a conhecimentos específicos, produzindo conexões entre cada uma das modalidades artísticas e aglutinando todas suas possibilidades em produções acústicas, gráficas, plásticas, cênicas, audiovisuais e literárias. A amplitude de temas que podemos encontrar na Arte, por um lado, extrapola referências célebres e já canonizadas para mostrar contextos diversos, tradições advindas de muitos povos e culturas, criações coletivas, ações comunitárias e manifestações variadas. Por outro lado, também abarca um rol de nomes e obras históricas, contextualizados junto a eixos de tempos e espaços que demandam classificações tipológicas, compreensão historiográfica, identificação topológica de localidades e regiões, requerendo noção das diferenças continentais, noção da atual situação planetária e questionamentos ético-estéticos sobre a vida na Terra.

Para o povo iorubá, da costa oeste da África, situado no que hoje denominamos Nigéria, esse

conhecimento que expressa as coisas, as características das pessoas, a força dos elementos materiais presentes na natureza e os desígnios da vida na terra onde se nasce, cresce e se morre, chama-se *bori*, palavra que os estudiosos de origem europeia traduzem como “fazer a cabeça”, mas cujo sentido é muito mais parecido com um rito de comunhão. O que há na cabeça - força que esse povo considera determinante na vida daquele que a recebia - nada nem ninguém pode tirar. Quem adquire o *bori* ganha um conhecimento de afazeres e conceitos que também podemos traduzir como uma ciência e uma arte. Nas culturas indígenas, que têm incontáveis idiomas, uma palavra desse aporte não é encontrada, talvez porque todas as manifestações que hoje, em português, consideramos arte, são parte integrante da vida desses que viviam nas terras hoje conhecidas como Brasil, território dos indígenas desde antes da chegada de portugueses, holandeses e espanhóis. Os iorubanos vieram, contra sua vontade, em grande número para o Brasil e a influência de sua cultura é tão importante para a arte brasileira quanto é a influência das culturas indígenas e europeias.

Na contemporaneidade, compreende-se a arte através da interdisciplinaridade de saberes que implicam experiências e projetos de trabalho em comum, nos quais práticas e teorias não se distinguem. O Ensino de Arte se constituiu como uma área curricular transdisciplinar, que atravessa conhecimentos de toda e qualquer disciplina, cuja elaboração de projetos envolve saberes de todas as áreas. Embora seja próprio da arte atravessar todo e qualquer conhecimento, há que se resgatar o rigor dos conteúdos formais e seculares que fundam as matérias artísticas, as rupturas que a história opera nesses conteúdos e os conceitos que suas práticas social e pedagógica produzem. Trata-se de lidar com saberes que permeiam e constituem esse campo transdisciplinar, o qual abre as relações de ensino e aprendizagem a inúmeras percepções e pensamentos. Tantas possibilidades envolvem diferentes maneiras de se tratar os conhecimentos artísticos, afirmando aqui a indistinção de disciplinas criadas para dar conta de um mexer-pensar-fazer-criar, que pode ser ligado a qualquer outra matéria que não se distancie do corpo e dos sentidos que, junto ao corpo, desenvolvem as aprendizagens dramáticas, hápticas, sonoras e ópticas da arte, a qual remete a todas as sensações: auditiva, gustativa, olfativa, tátil e visual.

A arte implica as relações do corpo com as criações naturais e humanas, interagindo diretamente com a matéria criada para lidar com os movimentos do corpo, com instrumentos, cenas, ambientes, roupagens, modos de vida. As performances, interações, situações, explorações e apropriação de materiais e técnicas, as propostas e experiências investigativas, as quais desenvolvem os saberes complexos e abrangentes da arte, jamais se esgotam num livro; porém é por meio dos livros que muitas das referências desse universo serão conhecidas.

Em atenção aos seus princípios epistemológicos específicos, pode-se compreender o que cada uma das modalidades artísticas tem a contribuir na sua produtiva e diversificada junção dentro de um instrumento de trabalho tal qual um livro didático. Observar o dimensionamento do referencial apresentado na realidade escolar é um dos compromissos na elabora-

ção de um material que traz esse entrelaçamento de saberes e modalidades. Hoje os livros didáticos de Arte trazem elementos que podem ser base para propostas de diversos componentes curriculares, sem, no entanto, perder suas características estéticas e poéticas. O livro didático de Arte pode ser utilizado em aulas de outras áreas do saber, mas não se trata de usar as matérias e possibilidades próprias da arte para “tornar divertidas” ou “mais atraentes” propostas pedagógicas de outros componentes curriculares e, sim, operar com elementos da arte que povoam o cotidiano. Arte pode ser aprendida junto a objetos, na cidade, nos meios de transporte, nas vestimentas, nos alimentos, nos jardins, nos ruídos, no excesso de informação e publicidade, na imensa oferta de produtos, imagens e possibilidades de ação.

A aprendizagem em arte propicia um pensar crítico frente à força referencial da cultura midiática e seu sincretismo entre as mais diversificadas manifestações contemporâneas, construindo conhecimentos que se relacionam também com produções não eruditas e necessariamente não legitimadas como “arte”. Arte, portanto, também é a tradição popular, as novas expressões disseminadas nas comunidades, a criação e a performance solitária ou coletiva de artistas sem reconhecimento da mídia, manifestação de coletivos de artistas, movimentos mais ou menos institucionalizados, grupos de pesquisa e outras instâncias a serem elencadas. Todas as matérias são pertinentes ao ensino de Arte, desde que em acordo com o sentido do que se quer aprender e dos objetivos de ensino que um projeto pedagógico em Arte demandar. O trabalho com Arte propicia a criação de práticas pedagógicas inovadoras, que escapam ao lugar comum das atividades anteriormente propagadas, como os estereótipos de datas comemorativas que estigmatizaram a educação artística reduzida a uma atividade curricular decorativa. O Ensino de Arte, hoje, propõe o diálogo entre o já estabelecido e o que ainda não foi o suficientemente referendado, em especial as tradições das culturas africanas e indígenas e as produções artísticas de artistas e grupos menores, advindos de segmentos sociais não favorecidos pelas grandes mídias da comunicação. Em sala de aula, é possível desenvolver propostas que procuram estimular os estudantes, dando espaço para discussões sobre escolhas e modos de se fruir a vida em sua diversidade e variedade de sons, movimentos, superfícies, cores, formas e sentidos.

Para quem os livros são feitos

Quem são os adolescentes, os jovens que habitam as nossas salas de aula em todo o Brasil? Responder a esta pergunta não é uma tarefa fácil. Também não seria fácil responder sobre quais seriam os conceitos que circulam sobre as artes, em geral, dentro das escolas brasileiras, pois o que nossos jovens nos trazem sobre esse assunto vem de diversas fontes do seu cotidiano: da internet, das diferentes mídias, das famílias, amigos. Enfim, os discursos que permeiam o cotidiano deles e o nosso, vêm construindo e afirmando diferentes conceitos de arte para todos nós, professoras, professores e estudantes. Assim, pergunta-se ainda: como os nossos adolescentes e jovens se relacionam com o que é proposto pelas escolas nas aulas de Arte, nas suas quatro modalidades: Artes Audiovisuais e Visuais, Dança, Música

e Teatro? É para trazer algumas contribuições às professoras e aos professores que, nestes tempos pós-modernos, veem-se emaranhados nas mais diversas vivências e experiências com os seus estudantes, que os livros didáticos podem ajudar a dar mais visibilidade às artes em geral e às suas diferentes ramificações nesse campo tão vasto.

É difícil definir o que é “ser adolescente ou jovem” no mundo de hoje, especialmente em nosso país, devido à diversidade de culturas e de regiões. Assim como existe dificuldade em definir esses conceitos, também para as professoras e os professores deve ser difícil identificar em suas aulas, por todo o Brasil, os diferentes modos de ser adolescente e jovem. Nessa direção, é importante, ao tratar sobre esse tema, dar visibilidade às diversas maneiras de ser adolescente e jovem. As coleções aprovadas no PNLD 2017 promovem encontros e aproximações entre as modalidades da arte e os jovens, principalmente quando os apresenta em imagens e textos nos livros didáticos de Arte, participando em ações como, por exemplo, na atuação em peças de teatro. Valorizam também as danças, as músicas, os espetáculos e as artes visuais das ruas, como os grafites nas paredes de muitas regiões do Brasil. As coleções procuram atender a uma das significativas exigências do Edital PNLD 2017, que trata dos conhecimentos comuns do currículo, ou seja, de criarem possibilidades de *dar voz a diferentes grupos como os negros, indígenas, mulheres, crianças e adolescentes, homossexuais, pessoas com deficiência* (Edital PNLD 2017, p.40-41).

Nas coleções, de diferentes formas, vemos adolescentes e jovens de diversas etnias, regiões brasileiras e segmentos sociais, que escrevem, dançam, atuam, dão formas visuais às suas vidas e nos convidam a ver os seus sonhos, seus lazeres, o que experimentam e entendem por arte. Enfim, apontam para as múltiplas fases e faces que podem ter a adolescência e a juventude. Os jovens querem se ver representados em diversos lugares, tanto nas artes como em outras áreas, e os livros didáticos não estariam fora desse contexto. De tal modo, é possível destacar, nos livros das coleções aprovadas, as diversas representações de culturas juvenis, que vão desde a presença de jovens das grandes cidades e suas experiências nas artes, até dos que vivem em localidades não urbanas e pequenas comunidades do nosso país, também expressando suas experiências no campo da arte. Nas coleções aprovadas temos diversos exemplos de jovens indígenas da etnia guarani mbyá, grupos de hip hop, de apresentações de maracatu, um jovem brâmane hindu entoando um canto sagrado na Índia, jovens participando de uma “Batalha do Conhecimento” nos pilotis do Museu de Arte do Rio de Janeiro, jovens em apresentações de orquestra, uma menina da etnia fulani, jovens e adolescentes brasileiros participantes do projeto Educafro, uma adolescente tocando violino em uma escola estadunidense, jovens de outros tempos, como os que são retratados no Festival de Woodstock. Além dessas, outras imagens sobre os jovens e suas ações povoam os livros das coleções em diferentes modalidades da arte. Os livros possibilitam aos estudantes, professoras e professores, nesse percurso, que conheçam mais manifestações, expressões e crenças, contextos de *grupos sobre os quais os currículos se calam durante uma centena de anos sob o manto da igualdade formal* (Edital PNLD 2017, p.40-41), segundo o Edital do PNLD 2017. Item muito pertinente do Edital, principalmente por propiciar o respeito pelo

outro, por considerar a existência de diferenças, procurando, assim, também a participação dos estudantes que ocupam as nossas salas de aula, valorizando suas diversidades étnicas, regionais e sociais. Enfim, proporcionam conhecimentos sobre diferentes culturas, que outrora eram carregadas de discriminações étnico-raciais, de gênero e diversidade sexual, de pessoas com deficiência e outras, *assim como os processos de dominação que têm, historicamente, reservado a poucos o direito de aprender, que é de todos* (Edital PNLD 2017, p.40-41). Desta forma, as coleções propiciam que o professor e a professora façam aproximações com o que propõe, por exemplo, o item 10 das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica - DCNEB, quando são mencionados os valores da *realidade concreta dos sujeitos que dão vida ao currículo e às instituições de educação básica* (DCNEB, 2015, p.22).

As imagens e textos presentes nos livros das coleções também convidam os estudantes a pensarem sobre diversos temas, como o do consumo, por exemplo. Junto a discursos, hábitos e imagens de jovens de diferentes localidades do Brasil, há um convite para refletir sobre algo que trata do campo das necessidades, dos hibridismos culturais que envolvem diferentes culturas: a do corpo, a artística, a espiritual, a intelectual, a mercadológica, a individual e a coletiva. A ordem seria não separar estas necessidades das condições nas quais estas se expressam na sociedade, enraizadas na vida cotidiana. Assim, cabe também dialogar com o que indicam as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, sobre a importância de o conhecimento ser *multidimensional e interdisciplinar sobre o ser humano e práticas educativas, incluindo conhecimento de processos de desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos* (DCNEB, 2015, p. 29) nas diversas dimensões, entre elas a cognitiva, a afetiva, a estética, a artística e a cultural.

Hoje, limitar as experiências dos jovens somente ao contato direto com as obras de arte que estão em museus ou galerias, na maior parte das vezes presentes apenas em grandes centros urbanos, vai em direção oposta ao exercício de pensarmos em como tem acontecido a arte em encontro tanto com a natureza quanto com o próprio corpo humano. Esses encontros acontecem da ornamentação doméstica até a vestimenta corporal, desde as tatuagens primitivas e pinturas rupestres até os cosméticos contemporâneos. As diversas realidades dos estudantes, nessa direção, são contextualizadas nos espaços e nos tempos pelos livros das coleções. Nesse caminho, as coleções mostram-se atentas às características dos adolescentes e dos jovens, possibilitando, desta forma, reflexões sobre as relações entre as vidas destes com os conhecimentos multidimensionais sobre o ser humano e sobre as práticas educativas. Assim, os estudantes de diferentes idades do Brasil poderão ter a possibilidade de reverem suas culturas, conhecerem as que não conheciam e analisar modos de vida próximos deles e outros, mais distantes de si, porém não menos importantes.

Em ritmo de sala de aula

Os estudantes, em aulas de Arte nas escolas do Brasil, em geral, envolvem-se com as pro-

postas de trabalho com uma dedicação cada vez mais veloz, independente da faixa etária em que se encontram. Isso ocorre desde as crianças bem pequenas até os jovens de Ensino Médio. As propostas de trabalho em arte, frequentemente, necessitam de um tempo maior de envolvimento e exigem, também, continuidade para que o estudante possa desenvolver um processo pessoal de trabalho. As experiências neste campo têm apontado visões de uma continuidade estabelecida através de constantes descontinuidades, ou seja, grosso modo, os estudantes estão fazendo trabalhos velozmente, envolvendo-se o mínimo possível, perguntando qual será a próxima proposta, quanto tempo vão ter para finalizá-la e, mesmo sabendo que têm um tempo próprio para cada uma das diferentes propostas apresentadas (de semanas ou meses, dependendo do trabalho), eles começam a trabalhar rapidamente perguntando, ainda: “quantos pontos vai valer esta atividade?” Pergunta-se então: É o cálculo sobre o ato inventivo? É a economia sobre o tempo da reflexão dedicada à arte? Enfim, continuamos trabalhando descontinuamente, ou seja, faltaria equacionar melhor a relação diversificada que os adolescentes têm com os estímulos sonoros e visuais (sons e imagens oriundos dos vídeos, televisão, internet, textos etc.).

Adolescentes e jovens já entram em aula com o olhar contemporâneo de quem não tem muito tempo “a perder”. Eles, muitas vezes, parecem estar nos dizendo com seus comportamentos e ações que “já leram tudo” ou que “já fizeram tudo”, esboçado, por exemplo, às vezes em um gesto que se resume apenas a um risco no meio da folha de desenho, dizendo em um tom irônico: “é arte contemporânea!” Nesse sentido, ao intercalar textos não muito longos, recursos sonoros e imagens, as coleções aprovadas procuram se conectar aos novos ritmos do olhar contemporâneo dos jovens. Nessa direção, é importante marcar o questionamento sobre como trabalhar com o tempo dos jovens em que a relação produção/apreciação da arte “tem que ser rápida”. Os livros didáticos podem ser os aliados das professoras e dos professores diante desse fato, já que organizam conteúdos com imagens e textos pertinentes às faixas etárias para as quais se destinam e, ao mesmo tempo, não se restringem a elas, podendo a professora ou o professor, dependendo do contexto escolar em que atua, usar os quatro livros de cada coleção da forma que lhe for mais apropriada.

Importante lembrar que a condição principal para que a fruição aconteça, tanto na apreciação das obras de arte quanto nas suas produções, é o tempo. Em posse dos livros, a professora e o professor têm esses recursos (os livros didáticos) para os auxiliarem a resolver com mais tranquilidade essa equação: apreciação + produção = tempo. Simplesmente deixar que os adolescentes e jovens trabalhem com uma velocidade acelerada em relação à arte, tanto na sua produção como na sua apreciação, pode dissolver muitas propostas de ensino em arte, fazendo com que elas percam a sua consistência como experiência e conhecimento, deixando a desejar tanto a produção desses estudantes quanto a sua relação de fruição com as artes em geral (Artes Audiovisuais e Visuais, Dança, Música, Teatro). Nessa direção, as coleções aprovadas procuram propiciar seus múltiplos conteúdos de forma diversificada, apresentados em textos e imagens que estabelecem vínculos tanto pela linguagem adequada, que utilizam nos textos, quanto pelas imagens selecionadas. Essa combinação de

elementos procura aproximações com os leitores em foco, os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Também os textos e imagens dos livros auxiliam na leitura das “percepções distraídas” que regulam, nos dias de hoje, o pensamento da maioria dos jovens, por exemplo, sobre certas obras de arte contemporânea.

Vale lembrar que a relação de rapidez, destinada à produção/contemplação de adolescentes e jovens, com a arte, tanto em sua produção como na sua recepção, não se construiu somente por parte deles, obviamente. O papel das escolas, que vêm reduzindo o tempo destinado aos períodos de Arte, colaborou, e muito, para que o entendimento que o adolescente tem sobre este componente curricular seja a experiência de um contato rápido, fugidio. Também, nesse sentido, o apoio do livro didático torna-se fundamental, uma vez que ameniza tal “contato fugidio”, sendo que o estudante e, também, a professora ou o professor podem sempre retornar ao livro para rever os conteúdos estudados.

A discussão dos diversos cenários escolares do Brasil seria longa, mas nos permite pensar que algo sempre escapa ao presente, parecendo, muitas vezes, que realizamos experiências no Ensino de Arte onde as “frestas” aparecem mais do que a construção como um todo. Para contribuir com esse “desaparecimento de frestas”, as coleções procuraram incluir conteúdos que ampliam o leque de conhecimentos dos estudantes, propiciando às professoras e aos professores também a ampliação do seu leque de escolhas dos assuntos para as suas aulas.

Percursos para todas as modalidades

Os livros didáticos selecionados apresentam conteúdos e atividades ligados a várias modalidades artísticas, apresentando às professoras, aos professores e aos estudantes modos abrangentes de entender as artes na educação, conforme prevê o Edital PNLD 2017: *A compreensão das artes, na escola, passa pela incorporação do componente curricular Arte em sua abrangência, ou seja, nos campos artísticos das Artes Audiovisuais e Visuais, da Dança, da Música e do Teatro* (Edital PNLD 2017, p. 47). Atualmente, o Brasil conta com Licenciaturas específicas em Artes Visuais, Cinema e Audiovisual, Dança, Música e Teatro, capazes de formar profissionais em cada uma dessas modalidades artísticas, porém ainda em número insuficiente diante da imensidão territorial brasileira. Nesse sentido, o livro didático do componente curricular Arte reveste-se de maior importância, não no sentido de substituir a formação das professoras e dos professores, mas no de subsidiar uma aproximação mais qualificada das possibilidades que a Arte tem a oferecer nas escolas brasileiras. No entanto, não se espera que, a partir das propostas que abrangem as diferentes modalidades artísticas, haja um retorno à tão combatida “polivalência” ligada à expectativa de que uma professora ou um professor seja capaz de atuar com a mesma competência com Artes Audiovisuais e Visuais, Dança, Música e Teatro. Sugere-se, assim, que a professora e o professor que atuam com o componente curricular Arte manejem as propostas dos livros a partir da sua área de formação e de maior conhecimento, com uma visão interdisciplinar, atentos também às ca-

racterísticas regionais e culturais da sua escola e da sua comunidade escolar. É importante lembrar que a carga horária do componente curricular Arte varia de escola para escola e de região para região, e que a conquista de maior espaço para Arte nas diferentes organizações curriculares depende muito da atuação e da qualidade do trabalho desenvolvido pelas professoras e pelos professores de Arte em parceria com a comunidade escolar (estudantes, pais e demais professores). Os livros didáticos selecionados oferecem amplos subsídios para que isso se efetive.

Outro aspecto importante a ponderar, quando se pensa em currículo, é a avaliação. A avaliação da produção dos estudantes não é dizer se o trabalho atinge ou não as expectativas da professora ou do professor, o que está feio ou está bonito, quem sabe ou não sabe desenhar, quem é criativo ou não, quem tem talento ou não tem. As atividades precisam instigar e estimular os estudantes a conhecerem todas as modalidades artísticas e a gostarem de todas elas, refutando os modelos classificatórios, limitados a critérios quantitativos e a juízos de valor restritos ao “bom” e “mau” desempenho. As especificidades éticas, culturais e econômicas são consideradas quando se avalia, propiciando um processo de avaliação em Arte que envolva diversas capacidades, que analise as dificuldades encontradas no aprender frente aos contextos emocionais e sociais que cerceiam qualquer atividade pedagógica. Para que a avaliação efetivamente aconteça, deve acompanhar todo o processo de aprendizagem, tendo também a função de nortear o planejamento.

O livro didático de Arte

É muito recente a presença de livros didáticos para o componente curricular Arte no Programa Nacional do Livro Didático. No PNLD 2015, foram distribuídos livros de Arte para o Ensino Médio e, no PNLD 2016, para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Os anos finais do Ensino Fundamental recebem seus primeiros livros de Arte no PNLD 2017. A cada processo avaliativo é possível refletir sobre a importância e uso desse tipo de material nas situações de aprendizagem em Artes Audiovisuais e Visuais, Dança, Música e Teatro.

Historicamente, o componente curricular Arte integra a Educação Básica desde os primórdios de sua organização no Brasil, sob diferentes denominações e a partir de diversas concepções de ensino e de aprendizagem. Desde 1996, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDB nº 9.394/96, Arte passa a ser considerada como área de conhecimento e como componente curricular obrigatório na Educação Básica, em todos os seus níveis. A Lei nº 13.278/2016, de 02/05/2016, que altera o § 6º do Art. 26 da LDB, define que fazem parte desse componente curricular obrigatório as modalidades artísticas Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

A inserção destes importantes modos de conhecer e significar o mundo, nos currículos e materiais escolares, bem como as formas de organizar o trabalho metodologicamente, é

objeto de estudo, reflexão e reavaliação constantes por parte dos educadores que atuam nesta área.

Desde a primeira metade do século XX existem políticas e programas de incentivo à produção de livros didáticos no Brasil. E o PNLD existe, com esta denominação, desde 1985. O livro didático para o componente curricular Arte, entretanto, passa a fazer parte desta política de avaliação e distribuição somente a partir de 2015 – Edital de Convocação 01/2013 – CGPLI. Anteriormente a esta inclusão, já havia livros didáticos para Arte, que eram produzidos independentemente e atendiam as necessidades de subsídios didáticos por parte de professores e escolas que tivessem condições e interesse em adquiri-los, com acesso não gratuito. Nas décadas de 1970 e 1980, o material apresentado nos livros didáticos de Arte se restringia a atividades técnicas, com ênfase na geometria e nos elementos formais das artes gráficas e plásticas. Os livros não eram reutilizáveis. Posteriormente, começaram a ser adotados livros de História da Arte com conteúdos adaptados à educação básica. Apenas muito recentemente o livro didático para Arte passou a fazer parte de pesquisas e discussões a respeito de sua qualidade, modificando seu enfoque.

Por privilegiar artistas consagrados na Europa e nos Estados Unidos e por abordar movimentos e escolas artísticas ligados a museus e outros espaços da cultura dominante, a História da Arte foi repensada e, hoje, vem sendo contextualizada em uma historiografia multicultural que inclui diversos povos, culturas e saberes. É recente, também, a inclusão das Artes Audiovisuais, da Dança e do Teatro em seus conteúdos, assim como a junção com os materiais que envolvem as especificidades do ensino de Música, não mais atrelado apenas ao aprendizado do cânone musical, do solfejo e a referências eruditas, mas, agora, envolvendo a música em diversas culturas, nos mais variados estilos, com artistas e grupos de todas as regiões do país e do mundo. A notação musical é experimentada também por formas alternativas de registro e codificação, de modo a ser enfatizada a experimentação e a compreensão de músicas e não a aquisição dos padrões clássicos. O mesmo ocorre nas outras modalidades artísticas, junto às quais o livro didático amplia repertórios, propondo experiências de aprendizagem e dando meios para o ensino dos elementos constitutivos da arte.

É importante ressaltar que o Programa Nacional do Livro Didático possibilita, através de um cuidadoso processo de avaliação pautado por critérios de qualidade, a produção de livros cada vez melhor elaborados e mais pertinentes às questões que dizem respeito à arte em nosso tempo e contexto de vida. Se antes os livros atendiam a interesses mais restritos e eram produzidos sem contar com uma orientação balizada por critérios cuidadosamente elaborados por equipes de especialistas, hoje podemos contar com a indicação de livros avaliados pelo Ministério da Educação.

Cabe a ressalva de que qualquer material didático, incluindo os livros, estará sempre relacionado a uma proposta autoral, com foco em alguns temas, abordando determinadas questões e produções, articulando conteúdos e propondo ações a partir de um feixe de inten-

ções. Cada obra é única, e nenhuma abarcará a completude do que há para ser estudado e conhecido em arte.

A seleção de imagens de obras e de produções das diversas modalidades artísticas precisa atender diferentes singularidades e dar a ver e a refletir sobre diversas formas de produzir artisticamente. Sendo a arte uma das formas de conhecer o mundo e pensar sobre ele e a vida, e, sendo o livro didático uma das principais fontes de conhecimento e contato com arte para muitos dos estudantes brasileiros, o material utilizado em aula deve proporcionar a interação com este campo de saber, articulando o pensamento reflexivo com as poéticas artísticas e com as diferentes ações que podemos realizar neste campo de estudos e práticas poéticas.

Uma característica especial dos livros didáticos para Arte é a necessidade de apresentação de muitas produções artísticas, que se dá por imagens e pelos CDs de áudio prioritariamente, e a articulação destas com textos reflexivos e com proposições de ações por parte dos estudantes e professora ou professor. Nosso principal objeto de estudo são obras artísticas, produzidas por diversos meios e de diversas formas, as quais necessitamos conhecer de alguma maneira, com o objetivo de desenvolver o pensamento artístico. Pensar artisticamente implica pensar com o corpo e com as sensações que o atravessam. Trata-se de um pensamento que envolve sons, formas, luzes, apreensões de tempo e espaço, e outros aspectos que nem sempre podem ser traduzidos em números e palavras, ainda que possam utilizar códigos diversos. O uso de tecnologia digital e de indicações de acesso a material complementar, não textual e restrito à imagem impressa, é de extrema importância neste sentido.

O livro didático não se constitui como um manual a ser seguido à risca por professoras, professores e estudantes, mas como um importante material a dar suporte aos estudos, às práticas e às investigações teóricas, éticas, estéticas e poéticas a respeito de produções artísticas e do pensamento que as acompanha e as integra. É um elemento a mais na mediação com o campo de conhecimento. Como qualquer material a ser utilizado em aula, é necessário que seja cuidadosamente elaborado, contendo elementos que propiciem a reflexão crítica sobre as realidades e os contextos de vida, que estimulem a elaboração pessoal e convoquem à participação de cada um no processo de aprender.

Uso pedagógico e sustentável

Os livros didáticos selecionados para o componente curricular Arte apresentam inúmeras maneiras de os estudantes das escolas públicas brasileiras, e suas professoras e seus professores, ampliarem as oportunidades para encontrar-se com o conhecimento Arte no Ensino Fundamental. Também apresentam propostas para que eles possam, a partir daí, ir muito além de aulas de Arte pautadas em datas comemorativas, desenhos para colorir ou na produção de espetáculos musicais ou cênicos para festividades escolares. Por muito tempo,

as aulas de Arte não tinham outro recurso além dos que os providenciados pelas próprias professoras e professores. Com o PNLD 2015, que avaliou livros para uso no Ensino Médio, e o PNLD 2016, que avaliou livros para os anos iniciais do Ensino Fundamental, as professoras e os professores do Brasil agora dispõem de textos, áudios, imagens e sugestões de propostas a serem desenvolvidos em sala de aula. Ao invés de conteúdos a partir de listas, cujos temas e técnicas são obsoletos aos estudantes, temos uma gama de possibilidades oferecidas pelo material de base que as coleções oferecem.

A construção, edição, avaliação e publicação de um livro didático é um processo que envolve diversas instâncias e pessoas, de modo a constituir os livros como objetos de valor para serem utilizados pelas escolas e, principalmente, contribuir na formação dos estudantes de todo o Brasil. Como fonte de informações sobre modalidades artísticas, obras de arte, manifestações culturais, comunidades, artistas e sugestões de atividades, os livros didáticos são um arsenal de recursos para o planejamento de aulas interessantes. São, também, mote para atualização das referências e busca de novos conhecimentos por parte das professoras e dos professores de todo o Brasil. As coleções de Arte propiciam o acesso a imagens, sons e textos que podem ser usados para o desenvolvimento de projetos pedagógicos, independentemente da seriação curricular ou dos componentes curriculares envolvidos no projeto, pois cada livro é rico em textos e em indicação de mídias sonoras, gestuais e visuais que podem se compor a estudos em qualquer campo do conhecimento.

Como os livros do Programa Nacional do Livro Didático são reutilizáveis, ou seja, não são feitos para serem preenchidos e riscados, é previsto um uso duradouro, que faça jus à verba aplicada para que esteja à disposição da escola. Bem cuidados, os livros de Arte podem ser fruídos por mais de uma turma de estudantes. A arte é atemporal, sendo que nenhuma referência de obra, expressão, modalidade ou criação artística se desatualiza no transcorrer dos anos. Os conceitos em torno da arte, do artesanato, da cultura, das produções ditas artísticas, estéticas, poéticas ou culturais podem ser diferentes em cada contexto, porém nenhum invalida o outro, de modo que mesmo textos e obras de tempos anteriores possam ser, ainda, compreendidos na atualidade. Considerando, não apenas as árvores que são derrubadas para a obtenção do papel de alta qualidade em que são impressos os livros didáticos, é sustentável e salutar para o planeta que os livros sejam conservados e cuidados por todos que deles usufruem, sendo necessária a conscientização de seu valor e importância.

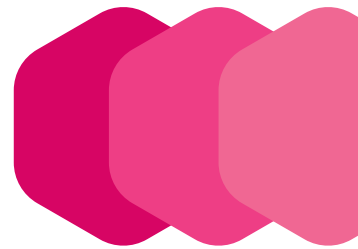
Embora não seja o caso dos livros aqui apresentados, recomenda-se que livros não reutilizáveis e cujos textos se tornam desatualizados sejam reciclados tanto como matéria prima para confecção de papel artesanal, como material para criações de recortes e colagens, entre outras possibilidades. Livros de consulta, fruição e leitura, como os promovidos pelo PNLD, são patrimônio da humanidade e, como tal, devem ser preservados. A escola é responsável por esse patrimônio, adquirido com custos pelo poder público, ou seja, com dinheiro dos cidadãos, sendo dever de todos os seus agentes, professores, gestores, funcionários e estudantes preservá-lo. Uma vida sustentável evita desperdícios e o consumo irracional

e inadequado que prejudica a vida no planeta. Todo e qualquer objeto implica extração de recursos planetários e produção de resíduos que demandam manejo correto para não se tornarem prejudiciais, sendo necessário entender que os livros são objetos a serem conservados. O bom uso do livro didático é um compromisso político assumido por todos: autores, avaliadores, leitores, gestores, professores e estudantes.

Os livros trazem o legado secular das escolas medievais nas quais eram estudadas as artes liberais, ou *ars liberalis*. *Liber*, em latim, é o mesmo que livro. Desde essa época, os livros são compreendidos como veículos para a liberdade de se aprender tudo o que há no mundo. Em seu significado social comum, os livros se tornaram símbolos de informações importantes para a construção de conhecimento. Seguindo a simbologia dessa tradição, entendemos que o que está no livro está sendo liberto para ser conhecido por todos os que se aventurarem a estudar as matérias que os livros trazem.

O nosso país tem uma diversidade cultural e artística enorme que, por pouco constar nos livros, nem sempre foi considerada como conhecimento. Da mesma forma, há uma produção artística contemporânea em suas diferentes modalidades, em várias partes do mundo, à qual temos pouco acesso. Muitas vezes não tivemos a oportunidade de enriquecer nosso repertório de experiências a partir desse conhecimento, nem sempre livresco. Aprender e conhecer mais sobre o mundo através de suas diferentes interpretações artísticas e culturais, em forma de Artes Audiovisuais e Visuais, Dança, Música e Teatro, pode nos tornar pessoas mais abertas e sensíveis ao mundo em que vivemos e às pessoas que o habitam. Saber mais sobre arte e a partir da arte é tão importante quanto os demais saberes aprendidos na escola. Muitas vezes, é a escola um dos espaços privilegiados, e certamente vocacionado, para que esses encontros com o conhecimento que a arte proporciona aconteçam.

PRINCÍPIOS E CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO



O fato de Arte não ter que cumprir com um programa de conteúdos sistematizados possibilita um efetivo trabalho com projetos de ensino-aprendizagem gerados por temas de toda e qualquer área do conhecimento. Ao se avaliar a seleção dos conteúdos de um livro didático de Arte, deve-se considerar a variedade dos temas, como estes criam relações entre os repertórios culturais e as atividades e as leituras propostas, observando as dinâmicas perante as experiências concretas dos estudantes. Os conteúdos precisam ter sentido e, mesmo ao tratarem de obras e culturas de outros tempos, relacionar-se com a realidade dos estudantes. No Brasil essa realidade se apresenta bastante diversificada, tanto de localidade para localidade, quanto perante toda sua complexidade global contemporânea. Assim, tais conteúdos apresentam sínteses que trazem eventos, movimentos e convenções historiográficas que auxiliam na compreensão de situações vividas e de produtos apreciados pelos estudantes. O cuidado com o patrimônio não pode advir de proibições e coerções de cunho moral, mas sim da valorização de distintas tendências, estilos e acontecimentos históricos.

Nesta perspectiva, para os anos finais do Ensino Fundamental, os seguintes conceitos foram considerados:

Concepções de arte abertas às multiplicidades de compreensões do que venha a ser arte, dialogando e se contrapondo a conceitos universais e a contextualizações locais sobre o que é considerado arte, contemplando elementos das Artes Audiovisuais e Visuais, Dança, Música e Teatro, além de outras manifestações, tais como moda e mídias diversas.

Manifestações sincréticas das expressões artísticas, dando ênfase a eventos e criações para além dos limites das disciplinas tomadas como artísticas e das classificações excessivamente rígidas entre arte, artesanato, artefato cultural e outras expressões. Funk, coletivos de artistas, *body-art*, *game art*, rap, arte de rua, *land-art*, ambiências, *quiz*, performances, *make-up*, *happenings*, *sticker-art*, grafite, *leparkour*, *memes*, *do it yourself*, entre tantas outras possibilidades que, ao se estabelecerem como modalidades de criação que permeiam o universo contemporâneo, em especial o dos estudantes, precisam ser contempladas.

Diversidade de expressões que mostrem o multiculturalismo e a miscigenação, de modo a trazer obras e artefatos que problematizem as fronteiras das identidades urbanas, étnicas, raciais, religiosas, de gênero, de orientação sexual e territorial, contemplando grupos marginalizados, comunidades silenciadas e sujeitos apagados pela sociedade dominan-

te, valorizando seus traços, suas singularidades e diferenças.

Relações interpessoais nos processos artísticos propostos, trazendo referências às ações, experiências e outras formas de arte participativa, relacional e colaborativa que permitam que o fruidor faça parte do processo e leve em consideração as relações sociais que se intensificam no decorrer de suas histórias.

Aquisição de códigos a fim de que produções culturais dos mais diversos tipos possam ser compreendidas dentro de seus contextos espaciais, temporais e em relação a toda gama de saberes que, por exemplo, uma peça, um filme, um quadro, uma casa e uma canção podem comportar. A apreensão desses códigos deve partir da realidade e dos referenciais do estudante, de modo que os interesses da faixa etária sejam observados na elaboração do material didático.

Reflexões críticas no que tange à apropriação dos referenciais das grandes mídias e de outras produções culturais massivas, procurando instigar o pensamento sobre as razões de determinados produtos, de modo a exercitar a autonomia e a autoria no seu pensar.

Contextualização de obras, artistas, movimentos e culturas plenos de sentido para os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, apresentando dados pertinentes, precisos e completos, incluindo fontes, acessos e créditos fidedignos.

Sensibilização exploratória de diferentes mídias e materiais, instrumentos, suportes, técnicas, jogos dramáticos e corporais, e outros modos de fruir e experimentar a si, ao outro e ao mundo em amplas e diversificadas criações.

Sustentabilidade dos modos de vida e das relações interpessoais, na abordagem de obras e ações que propiciem o pertencimento à Terra e a valorização de suas forças, mostrando diversificados tipos de culto e práticas junto à natureza, que promovam o respeito aos seres vivos. Práticas que façam deferência a todas as fontes de recursos vitais e aos entrelaçamentos da arte nas mais diversas formas de criação.

A partir de tais concepções, a avaliação valora interativamente obras didáticas em um processo contínuo que inclui referências e suportes que não se subsomem no livro didático. O livro didático não pode ser um fim para o trabalho em sala de aula, oferecendo atividades mecânicas e informações desprovidas de sentidos, descontextualizadas perante as novas tecnologias, as mídias audiovisuais e as vivências dos estudantes. É um instrumento de trabalho que apresenta inúmeras possibilidades, elegendo práticas e referências artísticas e culturais que, uma vez entrando no universo escolar, deixam de ser marginalizadas e, por outro lado, inacessíveis a todas as comunidades do Brasil. A fim de contemplar a abrangência do que vem a ser a área de Arte em todos os seus aspectos regionais e culturais, contemplando todas as tradições, povos, etnias, grupos sociais e subjetividades, pautamos

a avaliação das coleções nos seguintes tópicos de observação:

- Transdisciplinaridade entre diversos campos de saberes, destacando as especificidades das Artes Audiovisuais e Visuais, da Dança, da Música e do Teatro.
- Perspectiva integradora entre as Artes Audiovisuais e Visuais, a Dança, a Música e o Teatro com os diferentes campos do conhecimento, propiciando diálogos interdisciplinares com as demais áreas do saber.
- Concepções de arte em constante interlocução com as problematizações do que vem a ser a arte e a cultura na contemporaneidade.
- Historiografia da arte contextualizada perante a realidade atual.
- Textos e imagens atualizados que dialoguem com referenciais cotidianos e multiplicidades culturais dos educandos.
- Textos e sugestões de atividades que priorizem experiências dos estudantes.
- Valorização das minorias, das singularidades subjetivas e das diversidades identitárias, especialmente indígenas e afrodescendentes.
- Representatividade de artistas mulheres.
- Conteúdos que contemplem avanços teórico-metodológicos, bem como a informatização das produções e das manifestações artísticas.
- Conteúdos que abranjam os hibridismos e as diversas formas de arte da contemporaneidade.
- Conteúdos que permitam a compreensão de processos e problemas sociais pertinentes à faixa-etária e às realidades de todas as regiões brasileiras.
- Conteúdos que facilitem a desconstrução de estereótipos e esquemas de representação preconceituosos.
- Sugestões de atividades que propiciem o desenvolvimento da percepção plástica, gráfica, musical e corporal, pictórica, temporal e espacial.
- Propostas de exercícios e atividades abertas à fruição de obras, artefatos e contextos variados.
- Sugestão de saídas de campo para espaços culturais, exposições, espetáculos e outros tipos de experiências.
- Sugestões de projetos e pesquisas com temáticas abrangentes e instigantes para os anos finais do Ensino Fundamental.
- Adequação, clareza e vocabulário específico para a idade dos estudantes.
- Apresentação dos conteúdos através de recursos textuais e visuais diversificados.
- Textos, imagens e sugestões de atividades que favoreçam a criticidade e o poder investigativo.
- Imagens definidas, claras, atrativas e passíveis de exploração em dinâmicas diversificadas.
- Imagens coerentes com o texto e articuladas às atividades sugeridas.
- Créditos à autoria e às fontes relativas a obras, autores, movimentos, textos e outros produtos, apresentando dados precisos e completos.
- Conteúdos historiográficos de acordo com a literatura específica.

- Fontes de consulta, sites e obras adequadamente referendados.

Todos estes tópicos convergem nos critérios estabelecidos pelo Edital PNLD 2017, o qual observa respeito à cidadania de todas as regiões brasileiras e seus múltiplos e miscigenados grupos étnicos. São pontos chaves para incluir manifestações artísticas de todos os segmentos sociais e grupos identitários, dando mais visibilidade às mulheres, cujas obras e produções foram, por muito tempo, pouco representadas nos livros de Arte. A atenção aos povos indígenas e africanos não apenas se deteve na representatividade e sim ao caráter das representações. As características e conceitos articulados nas representações de indígenas, afrodescendentes e povos africanos, assim como de outros povos não europeus, foram avaliadas em relação à adequação de conteúdo, articulação com demais propostas e atividades, e isenção de estereótipos dentro das imagens e dos textos.

A presença de publicidade e de produtos de marcas comerciais notoriamente reconhecidas foi avaliada perante sua aplicação no livro didático, sendo essencial o comedimento dos usos, a pertinência com o conteúdo desenvolvido e a articulação apropriada às atividades. As atividades foram avaliadas por diversificação de meios, proposição de materiais, instrumentos e ações possíveis para a faixa etária, recursos da escola e adequação dos enunciados. Atividades e textos que promovem a inclusão de pessoas com diversas habilidades e todos os tipos de deficiências foram consideradas de acordo com a promoção positiva das diferenças e dos resultados não hierárquicos entre performances e trabalhos produzidos.

Uma atenção especial foi dada às diversas abordagens pedagógicas em torno do corpo, suas representações históricas e a não mistificação de cânones, hábitos e traços pessoais. O cuidado com o planeta, a preservação ambiental e a promoção de uma vida sustentável são as metas para a arte hoje e para uma arte no futuro. Apresentar uma arte que problematize a violência, os estigmas sociais, que questione os hábitos de consumo, que construa uma postura crítica frente à valorização de determinados ícones foram balizas amplas consideradas junto às especificidades da área, que foram avaliadas em seus pormenores.

As atividades propostas nos livros didáticos foram consideradas especialmente na articulação com os conteúdos e na sua adequação à construção gradativa do conhecimento, tendo em vista os temas e contextos das unidades e/ou capítulos ou temas. Foram privilegiadas atividades dinâmicas, que dialogam com o ritmo dos adolescentes e contextualizam temas e conteúdos específicos em proposições diversificadas. As propostas também foram avaliadas quanto à sua pertinência ao dia-a-dia em sala de aula e à adequação aos recursos disponíveis nas escolas, considerando-se a viabilidade de sua execução em todos os locais do Brasil. Foram privilegiadas propostas que proporcionam experiências de aprendizagem que não sejam repetitivas nem demasiado vagas em seus enunciados ou instruções, tampouco excessivamente verbais, mas sim que desconstruam estereótipos do fazer pelo fazer e da aula de Arte como “qualquer conversa”. As coleções aprovadas, quando solicitam pesquisas, o fazem aprofundando o assunto e não somente na busca de referências ou dados que não

promovem a produção de conhecimentos nas modalidades artísticas.

Em seu conjunto, cada coleção foi avaliada a partir da perspectiva da aprendizagem, sendo considerados como positivos textos e imagens que instiguem a estudar temas e assuntos além daquilo que apresenta o livro. Embora os critérios visem à diversidade de concepções de arte e de abordagens não dogmáticas, foi observado rigor frente à literatura específica e aos conceitos que, embora pertençam à arte, advêm de outros campos de conhecimento, como acústica, teoria da cor, fisiologia e tecnologias. Embora o livro didático de Arte não vise ao domínio de qualquer técnica, informações corretas sobre procedimentos, mídias, instrumentos, materiais e conceitos pertinentes a cada fazer foram analisadas. O acesso correto a determinadas técnicas, apresentadas junto aos contextos que lhe concernem, foi considerado como parte integrante da aprendizagem de arte.

O projeto gráfico foi avaliado tanto no aspecto visual quanto na qualidade da impressão e do som do CD, diagramação, harmonia de fontes e cores, curadoria de imagens e relação entre conteúdos de imagens, multimídias e textos. Na perspectiva da própria arte, considera-se que o projeto gráfico ensina tanto quanto os conteúdos que nele se organizam. A obra didática pode constituir, pela composição entre textos, imagens e conteúdos, livros que em si terão poéticas próprias. Autores e usuários podem criar novas referências, invertendo posições, de modo a colocar estudantes, professoras e professores como protagonistas em certas produções a serem apresentadas.

Orientações para o melhor aproveitamento do livro e esclarecimentos sobre o Ensino de Arte e conteúdos apresentados foram avaliados junto ao Manual do Professor e, nas coleções do tipo 1, na relação entre Livro do Estudante, Manual do Professor e Manual do Professor Multimídia. Considerou-se a funcionalidade desse material, o quanto indicações de leituras e sugestões são pertinentes e fáceis de serem encontradas no Manual do Professor, garantindo objetividade dos textos e usos não restritivos do Livro do Estudante dentro de sala de aula. Assim, possibilidades para estudos e pesquisas são apontadas perante o conteúdo, porém a coleção, pelo que apresenta à professora ou professor, somente pelo que traz, tem elementos suficientes para que a professora ou professor seja condutor e mediador do processo de aprendizagem.

Tendo em vista o processo de avaliação por duplos-cegos, sem identificação das obras, autores e editores, os títulos e as capas dos livros não foram avaliados. Porém, ao término do processo, com uma visão panorâmica das coleções inscritas, é possível afirmar que a maior parte dos títulos das obras exprimem características presentes nas mesmas, reforçando acepções, obscurantismos, confusões, modismos e alguns acertos na articulação entre palavra e obra didática quanto ao que se espera do ensino e da aprendizagem em Arte.



COLEÇÕES APROVADAS

Partes em composição

Nesta terceira edição do PNL D para o componente curricular Arte, foram selecionadas duas coleções para os anos finais do Ensino Fundamental. Uma das obras selecionadas inclui Manual do Professor Multimídia com proposição de conteúdos por meio de Objetos Educacionais Digitais – OED, os quais são apresentados em diversas modalidades, tais como vídeo, áudio e imagem.

Ao abrir cada um desses livros, de qualquer ano, em qualquer página, é possível encontrar algo sobre o que vale a pena se deter. Imagens são adequadamente escolhidas, complementam os conceitos e comentários dos textos e permitem melhor compreensão e desenvolvimento das propostas cujas sugestões sempre estendem o que o livro apresenta a uma prática não desvinculada do que teoricamente se apresenta. As informações são pontuais e sucintas, afinal, é um livro para o Ensino Fundamental e não um tratado sobre os tantos assuntos que pertencem à área da Arte.

Cada unidade, tema, capítulo ou seção é um fragmento, singular e distinto, composto em blocos cujos fragmentos se avizinham e se articulam, formando uma coesão entre as partes distintas entre si. Essas aproximações entre pequenos dados, ditos e formas se encontram por todos os lugares e contextos cotidianos, não apenas em obras consagradas aos museus e às enciclopédias dos grandes mestres das Belas Artes. A arte é estudada em relação com o cotidiano, com referências de todos os lugares do país e do mundo, com imagens e textos pertinentes à compreensão dos estudantes junto ao dinamismo de conteúdos e às instigantes propostas a serem desenvolvidas.

Os livros oferecem conteúdos específicos das quatro modalidades de Arte, com espaço para diálogo com outras áreas do conhecimento. O que oferecem propicia trabalhar interdisciplinarmente a fim de que os temas sejam aprendidos também junto a outros saberes e processos. As coleções aprovadas são apropriadas para o trabalho com projetos interdisciplinares, visto desenvolverem temáticas abertas a inúmeras interconexões. Imagens, textos e atividades poderão ser usados para compor descobertas e produções individuais e coletivas, de acordo com interesses e temas geradores que necessariamente não precisam estar nos livros, mas que com seus conteúdos dialogam. Se a professora ou o professor optar por não trabalhar com projetos, poderá se valer da ordem de um sumário, pois um encadeamento

aleatório, mas dialogável, também acontece. Os livros expressam, em sua forma e conteúdos, tanto a especificidade quanto a transdisciplinaridade da arte.

Suporte para criações e estudos de projetos transdisciplinares, sem perder os temas específicos da arte, as coleções potencializam o trabalho da professora e do professor enquanto autores de suas aulas. Estes têm a liberdade para escolher quais imagens, textos e obras serão apresentados, observados, analisados e trabalhados. São conteúdos que promovem pesquisas, trazem indicações para novos estudos, abrem-se a inúmeras articulações. Permitem, também, a criação de planos de aula circulares, que não seguem necessariamente uma listagem fechada de conteúdos ou dependem de pré-requisitos. São livros que propiciam a elaboração de aulas organizadas por diagramas, cujo desenho articula referências cotidianas, conceitos, indicações bibliográficas, obras de arte e modalidades artísticas no desenvolvimento de atividades que promovam o aprendizado dos temas escolhidos ao longo de cada unidade de ensino. O traçado de diagramas a partir do que os livros oferecem permite seguir um plano de ensino aberto às descobertas e aos interesses dos estudantes, sendo os livros apenas um trampolim para tudo que o mundo descortina a quem se aventura a aprender.

Arte para todos

O material didático aprovado transitou para além da História da Arte branca, masculina, judaico-cristã e predominantemente europeia que frequentemente encontramos nos livros de Arte, dialogando com as manifestações variadas, que envolvem as artes no dia-a-dia, problematizando os limites do que vem a ser arte, mostrando o quanto a relação entre vida e o que vem a ser a vida é tênue e depende da intencionalidade dos meios, dos artistas e dos modos de se compreender a arte.

É importante prestar atenção ao fato de que as produções artísticas em Artes Audiovisuais e Visuais, Dança, Música e Teatro apresentadas nos livros são realizadas por homens e mulheres brancos, negros, mestiços, indígenas de diferentes gerações e contextos culturais, ampliando o leque de experiências e saberes artísticos de estudantes, professoras e professores. Por muito tempo, a arte e, conseqüentemente, seu ensino, valorizava apenas o que era considerado “canônico”, em geral, coincidindo com representações artísticas que privilegiavam produções de origem europeia, feita majoritariamente por artistas homens brancos. O campo de estudos ligados às artes já vem revisitando teoricamente estas questões, e os livros didáticos para o componente curricular Arte vêm aos poucos refletindo sobre essas discussões em suas proposições, textos e imagens. Tal atitude é corroborada pelos princípios presentes no Edital PNLD 2017, o qual prevê que as obras didáticas devem *contribuir efetivamente para a construção de conceitos, posturas frente ao mundo e à realidade, favorecendo, em todos os sentidos, a compreensão de processos sociais, científicos, culturais e ambientais* (Edital PNLD 2017, p. 40). Na esteira dessa proposta é que se espera que as obras didáticas destinadas aos anos finais do Ensino Fundamental procurem, entre outras ações

de formação para a cidadania, promover positivamente a *imagem da mulher*, a *imagem de afrodescendentes e dos povos do campo*, a *cultura e história afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros* (Edital PNLD 2017, p. 40).

As obras didáticas para o componente curricular Arte têm avançado nesse sentido, apresentando um espectro maior do que pode ser considerado arte, conduzindo estudantes, professoras e professores a conhecerem e valorizarem a diversidade cultural e artística do país e do mundo, provocando-os e os levando a pensar sobre seus próprios contextos culturais. Ressalta-se, no entanto, que ainda é preciso aprofundar essas questões nas obras didáticas destinadas ao componente curricular Arte. Promover positivamente a imagem da mulher nos livros didáticos de Arte não quer dizer apenas apresentar representações femininas em artes visuais ou tematizá-las em composições musicais ou espetáculos cênicos. As mulheres também são produtoras, criadoras e protagonistas nas diferentes modalidades artísticas no Brasil e no mundo. Estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental têm o direito de ter acesso a esses conhecimentos e entender as razões que levaram à escassa participação da mulher nos cenários das artes, cultura e ciências.

Da mesma forma, promover positivamente a *imagem de afrodescendentes, povos do campo e povos indígenas brasileiros* não significa apenas restringir as suas produções a contribuições esporádicas e pontuais ao que se considera cultura brasileira. Se o olhar estrangeiro de artistas como o francês Jean Baptiste Debret ou o holandês Albert Eckhout foi importante para entender o funcionamento da sociedade brasileira colonial, por exemplo, limitar as representações de indígenas e afrodescendentes apenas a essas produções artísticas, sem a devida discussão sobre o contexto em que tais obras foram engendradas, restringe a compreensão a respeito da participação das diferentes perspectivas culturais e étnicas ao que entendemos por arte e cultura. Ao apresentar obras de negros e indígenas a partir do olhar europeu, seja no Brasil colonial, seja nos tempos de Império, é preciso que o estudante tenha subsídios para compreender esse olhar e o encontro entre tão distintas culturas.

É importante lembrar o quanto meninas e meninos de todas as regiões brasileiras podem espelhar-se no protagonismo de produtores culturais e artísticos de diferentes origens étnicas, raciais e de gênero. Se, por muito tempo, conhecemos a nós mesmos e a nossa cultura através de olhares estrangeiros e distantes da realidade em que vivemos, temos agora a oportunidade de criarmos e aprendermos a partir de narrativas visuais, musicais e cênicas que não cabem mais em padrões homogeneizadores e unitários e muito menos em clichês culturais. Chama-se a atenção para que as obras didáticas tragam cada vez mais oportunidades para que se conheça mais do que se produz artisticamente em todas as regiões do Brasil, do Oiapoque ao Chuí, não prioritariamente da região Sudeste. Somos plurais, somos muitos, temos muitas peles. Nossas escolas e salas de aula são multiculturais, cheias de narrativas a serem desvendadas e valorizadas.

O corpo, aparentemente delimitado pela pele, carrega nossa complexidade identitária, o

que somos, acreditamos e fazemos. Muito mais do que um organismo, o corpo é um espaço e um tempo que diz mais do que o avistado na pessoa. No corpo são inscritas as narrativas de todos os povos e culturas que o geraram e o tornaram como é. Há corpos de muitos tipos, advindos de muitas etnias, moldados por hábitos e costumes muito diferentes. Se pensarmos em extremos, é possível dizer que há corpos grandes e corpos pequenos; há corpos quietos e corpos agitados; há corpos curvilíneos e corpos retos; há corpos incólumes e corpos acidentados; porém há corpos retos e ao mesmo tempo curvilíneos, nem grandes e nem pequenos, de modo que é muito difícil dizer, afinal, o que um corpo é.

O fato é que sem o corpo não haveria arte. Sem corpo não se dança, não se pode cantar, nem tocar instrumentos. Sem corpos atuando não haveria cena. Sem corpo ninguém bate um cinzel numa pedra para esculpi-la. Sem corpo não se desenharia, pintaria, gravaria. Além de veículo para a existência da arte corpos foram, e diríamos que ainda são, objetos de exaustiva atenção e fascinação no campo das artes. Adornados, mutilados ou reverenciados, são interpretados imaginativamente na arte das mais diversas formas. Na medicina, por exemplo, as ilustrações anatômicas renascentistas de Vesalius em *De humani corporis fabrica*, apelavam para o uso de convenções artísticas e de poses reconhecidas da história da arte.

Além de outros campos, falar sobre o corpo, do seu estatuto e construção, também tem sido uma marca no campo da educação em diferentes níveis de ensino. Nessa direção, as coleções aprovadas dão a ver corpos em diferentes focos, tais como afeto, beleza, anatomia, movimento, performance e festa e, ainda, política e diversidade, som, gesto, morte, saúde, esporte, consciência, diferença, fala, adorno corporal e identidade. O corpo pode ter tratado de muitas interrogações e contextos históricos, descrevendo a sociedade e as artes intrínsecas a toda e qualquer organização social. Por fazer parte do conjunto de conteúdos que passam as coleções, o corpo, fundamental também para outros componentes curriculares, constitui-se como um dos conteúdos imprescindíveis ao Ensino de Arte. Ao cercar o tema em suas diversidades, as autoras e os autores dos livros procuram propiciar aproximações com temas emergentes, como a inclusão de projetos que relacionam o tema do corpo com a deficiência e a autoestima, com a pintura corporal, com as danças brasileiras, com a moda e a beleza, com gestos e atitudes. Assim, vemos exemplos que vão desde o corpo presente nas danças urbanas, como aparece na “batalha do passinho nas favelas cariocas”, até a marca dos movimentos nos estudos do fotógrafo Muybridge.

A arte trata de como corpos de vários gêneros, de todas as idades e etnias, apresentam-se, o que podem, o que superam, o que conseguem fazer, como são transformados por artistas, coletivos, crianças, jovens, homens e mulheres, e de como nós podemos repensá-los. Corpos diferentes, corpos em suas múltiplas expressões, estilos, formas e tendências a serem pensadas. Corpos de muitos povos, grupos e tipos de família. Todas essas abordagens tornam o corpo, no livro didático de Arte, um tema de grande interesse para adolescentes e jovens. Trata-se de perceber como esses diferentes corpos representados na arte não se separam, muitas vezes, dos modos como se apresentam os corpos nos espaços da cultura atual, como

agem, como se vestem, como se locomovem, como circulam pelas cidades e paisagens nas quais vivem. O corpo é organismo, mas também é a coloração da pele, o estilo das vestimentas, a casa que habita, a cidade por onde circula, o planeta em que vive. Os corpos têm caras. Em todas essas instâncias a arte é o que faz figurar a expressão dos corpos. As produções visuais, sonoras, hápticas que a arte produz a esse corpo-casa, corpo-cidade, corpo-familiar e tantos outros corpos que fazem um corpo, mostram as múltiplas maneiras de pensar tais corpos, os quais, por sua vez, operam como multiplicadores de novos sentidos, figurados ou não. Nessa direção, é importante ver, ler nesses livros, as marcas dos estatutos de corpos em diferentes épocas e na cultura atual em imagens, textos, áudios e proposições encontradas em cada volume.

Portanto, é importante fazer o exercício de pensar com os estudantes sobre os diferentes conceitos dos corpos que são representados tanto na história da arte, como os que nos rodeiam diariamente. Dessa forma, algumas imagens de corpos presentes na história da arte estão em nossa memória e na dos nossos estudantes e nos ajudam a pensar sobre os dias de hoje, no que tange às relações entre os diferentes corpos representados nas artes em geral. Também as imagens e textos apresentados pelas coleções situam os sintomas de cada cultura e de cada época e como o tempo passado reverbera atualmente. Tanto a arte quanto a medicina, ou a mídia, trazem-nos modelos de diferentes corpos para pensarmos o estatuto do corpo hoje. As coleções aprovadas não se eximem dessas discussões, focalizando perspectivas sem fronteiras para se pensar o corpo e suas diversas implicações na arte, em especial a Performance, na qual Artes Visuais, Dança, Teatro, e, por vezes, Música, constituem uma só modalidade artística, de cunho híbrido e prática transversal.

De tudo o que se encontra nas coleções de Arte

As coleções de Arte estão apresentando as variedades dessa área de conhecimento, mostrando a riqueza de ações, técnicas, narrativas, manifestações e indagações sobre vida, cultura, corpos e arte. Além de trazerem diversos tipos de cânones e estilos, contemplam obras contemporâneas, cenas clássicas e modernas, manifestações populares e obras eruditas, arte urbana e arte de rua, grupos musicais, trupes, moda, filmes, canções, partituras, orquestras, arquitetura de teatros, danças típicas, folguedos, figurinos, espetáculos, movimentos estéticos, poéticas de diversos tipos. Os conteúdos são inesgotáveis, porém a escolha de exemplos exige tanto contemplar artistas notórios e de relevância histórica como coletivos emergentes e vozes silenciadas.

A conservação do patrimônio imaterial é discutida, as tradições, mesmo as que quase não mais se praticam, abordadas. Podemos encontrar desde a escultura de miriti, do Pará, a lenda do Pastoreio, no extremo Sul, as experimentações de um maestro carioca com o *theremin*, danças ritualísticas dos xavantes, no Mato Grosso, entre muitos outros conteúdos. O patrimônio cultural artístico brasileiro é representado nos livros didáticos de Arte em sua

riqueza, variedades e sincretismos. Ao mesmo tempo, as cidades, a tecnologia e as mídias contemporâneas, incluindo a performance, também são apresentadas junto à sua aplicação e aos seus usos nas artes contemporâneas, como o teatro pós-dramático, a situação, as intervenções, o rap, o hip hop, o grafite, os quadrinhos, os filmes animados, montagens e dublagens. História da arte e apresentação de mídias históricas, como o rádio e películas em preto e branco, também se encontram nos livros. Estes abordam com a mesma importância a ilustração e a pintura de Salões, o repentista e o tenor, o balé russo e as experimentações de Trisha Brown, Fezinho Patatyy e as cirandas de roda. Obras de artistas, já amplamente conhecidos, como o renascentista Leonardo da Vinci ou contemporâneos, como Anish Kapoor; coletivos como o grupo Poro ou o do grupo de teatro The Living Theatre; o povo kalapalo, do Xingu – aparecem sem perder referências eruditas como os sons de uma orquestra; assim como há referências de impacto midiático, como o cinema de Hitchcock ou da obra de artistas mulheres como Chiquinha Gonzaga. Estilos musicais e suas danças, a percussão, alfaia, compasso musical, introdução à interpretação de notações musicais também são contemplados. As coleções tratam de vários conteúdos que vão desde a pré-história até chegar na arte de rua das grandes metrópoles contemporâneas.

Podemos encontrar muitas coisas nas coleções: um guerreiro do povo maori, considerado um dos primeiros habitantes das ilhas da Nova Zelândia; uma xilogravura que retrata a prática da tatuagem na cultura japonesa; uma menina yanomami da Amazônia brasileira, para falar de pinturas, adornos e perfurações corporais; o Bloco Ilu Obá de Min de São Paulo para falar de performance; um Encontro de Catira e Viola em Goiás para falar de dança popular no Brasil; os *hasta mudra* numa representação escultórica do Deus Shiva para tratar da coreografia; a festa do Boi de Mamão de Santa Catarina e o grupo de Bumba Meu Boi de Maranhão para falar de dança; um bailarino/coreógrafo com paralisia cerebral para tratar de corpo, diferença e dança; a dupla de artistas cubanos Los carpinteiros para discutir as cidades; os processos físico-químicos que envolvem a fotografia; os dispositivos ópticos que deram origem ao cinema; a imagem de um abrigo emergencial do arquiteto japonês Shigeru Ban para mostrar construções para vítimas de tragédias; as fotografias *Cores Dançantes* de Fabian Oefner para se tratar da altura do som; as casas de barro do povo africano nananki; a construção de um iglu na Ilha Baffin (Canadá), fazendo menção ao povo inuit; o projeto *Frida* de mobiliário urbano para a cidade equatoriana de Quito; o pernambucano Paulo Bruscky com a performance *O que é Arte? Para que serve?*; obras audiovisuais do gaúcho Jorge Furtado; a imagem de uma escultura de Ednaldo Vitalino para introduzir o tema Migrações; o artista acreano Hélio Melo para tratar da Floresta; as esculturas de madeira de Patrick Puruntatameri (Austrália); uma escultura em cerâmica antiga (500.d.C) para introduzir seção sobre as danças circulares; uma ilustração a partir de lenda do povo ticuna; as flores de couro de peixe produzidas no Mato Grosso do Sul; para tratar das forças da música africana, o músico nigeriano FelaKuti em festival de jazz em Berlim; a cerimônia de canto wa'í em aldeia xavante; Pixinguinha para explicar o chorinho; *Poemóviles* (1974), dos artistas Augusto de Campos e Julio Plaza; Baden Powell e músicos de diversas etnias e tribos; a *toyart*; a instrumentista Helena Meirelles; um machado de Xangô de Rubem Valentim; o conceito de símbolos; sílabas gráficas do povo

baniwa do Rio Negro; samba de roda no Recôncavo Baiano; ganzá e caxixi; a luta Huka-huka do kuarup no Alto Xingu; a berlinda de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará; um ritual mascarado do povo dogon; dança chinesa do dragão com fogos de artifício na província de Yunnan, para tratar da luz e da cor nas Artes Visuais; a azulejaria portuguesa colonial em Salvador. Para tratar da crítica, uma imagem de José Abelardo de Barbosa Medeiros, o Chacrinha, desmistifica as hierarquias entre culturas após pontuar diferenças entre historiadores, teóricos e críticos de arte. Referências relevantes como as instalações sonoras e a obra híbrida de John Cage também são contempladas. Relação entre modalidades distintas são feitas, por exemplo, quando a capa do CD *Maritmo*, 1997, de Adriana Calcanhotto, e a canção *Parangolé Pamplona* são apresentados junto aos parangolés de Helio Oiticica. Os materiais dão a ver a quebra de fronteiras fixas entre as diversas possibilidades da arte.

Ao longo dos volumes encontramos imagens de estudantes de diversas etnias e estudantes que fazem uso de cadeira de rodas – representativas de situações de aprendizagem e propostas didáticas - que reforçam a diversidade étnica da população brasileira, bem como a pluralidade social e cultural do país. As representações inclusivas não se configuram em citações isoladas, ao contrário, apresentam-se dentro do contexto de unidades temáticas que expandem temas específicos a todos integrantes do povo brasileiro. Em ambas as coleções, exemplos que integram a cultura indígena a distintas modalidades artísticas estudadas no componente curricular, como é o caso da Música, ocorrem a partir de situações não advindas do referencial europeu. Há exemplos de artistas contemporâneos que trabalham com fotografia e que têm como temática em sua obra a preocupação de evidenciar e registrar grupos e comunidades silenciadas nas grandes mídias. A história de alguns instrumentos musicais se faz presente, em especial, o tambor, instrumento relacionado com o sagrado em religiões de matriz africana e do sudeste asiático. O corpo é trabalhado através da dança, com exemplos de balé, danças rituais feitas pelos indígenas e pelos tailandeses, tango e o ritmos musicais como o rap, o hip hop e o funk, enfatizados junto à cena musical negra. Em ambas as coleções, a cultura afrodescendente é afirmada como determinante para a arte brasileira, dando a todos os estudantes o aprendizado das misturas étnicas que nos constituem. Em várias propostas são feitos questionamentos sobre o tema e dados exemplos de artistas, instigando os estudantes a pensarem sobre a questão em pauta e a realizarem ações em que o pensamento é desafiado em relação a temas que contemplam todas as modalidades.

Encontramos também nos livros referências ao mundo das produções visuais, sonoras e animadas que povoam o cotidiano de milhares de crianças e jovens brasileiros pelos filmes e pela televisão. Entre produções televisivas, *memes* na internet, *emoticons* e outros elementos, muitas referências se constroem. Um exemplo, para pensar a influência dessas produções, são as histórias em quadrinhos e os desenhos animados, que criaram um universo a parte, em cujas histórias todas as crianças e adultos estão convidados a entrar. A animação é uma das artes mais recentes em termos de desenvolvimento técnico. Seus resultados fascina, especialmente se articulados a narrativas envolventes, arquetípicas, com as quais todos se identificam. Desenhos em histórias e vinhetas animadas fazem parte da cultura global

desde o século XX, com a entrada da televisão dentro dos lares e com a produção de filmes longa-metragem de animação. Muitos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental devem estar familiarizados com personagens de desenhos animados e produtos da indústria do entretenimento a eles relacionados, em especial com os advindos das grandes corporações estadunidenses. São produções de alta distribuição, que, além de serem propagadas por filmes e livros ilustrados e/ou recreativos, fazem-se estampar em produtos dos mais diversos tipos, tais como roupas, material escolar, copos, guardanapos, pratos descartáveis e artefatos decorativos diversos, entre outros itens, incluindo embalagens de alimentos. Por suas estratégias mercadológicas, esses produtos acabam por se constituir como objetos de desejo e ter grande impacto no gosto, nas crenças e hábitos de jovens e crianças, quiçá de muitos adultos. Como criações conhecidas e que pertencem à cultura visual contemporânea, não podem ser ignoradas, especialmente porque constituem referenciais contundentes, os quais podem ser citados para criar mais conexões entre estudantes e conteúdos a serem aprendidos. Entretanto, é preciso observar parcimônia no uso destas referências, sempre junto a outros produtos de menor impacto midiático, evitando a promoção do consumismo desenfreado que determinados ícones abarcam. Não cabe ao livro didático reforçar o consumo do que se consome abusivamente, sendo fundamental trazer outros tipos de referenciais para contrabalançar os ícones de grande disseminação. Ao se tratar do universo da indústria do entretenimento em sala de aula, é preciso promover uma apreciação crítica de seus produtos, contextualizando tais referências nos conteúdos específicos de Arte.

Projetos que tratam da criação de personagens, histórias em quadrinhos, animação e ainda logomarcas e publicidade irão se deparar com referenciais desse tipo, entretanto, não cabe aos livros didáticos reforçá-las. Desenvolver projetos em diálogo com referências de grande impacto midiático que permeiam o universo dos estudantes não significa promover sua admiração, mas sim suscitar questões sobre os motivos de se gostar desse tipo de desenho, personagem, história, colorido, movimento e músicas dos filmes. As coleções aprovadas observem parcimônia nas referências à indústria do entretenimento, tanto pela escolha de produtos diversificados quanto pela figuração de desenhos menos “famosos”, sendo possível, sempre, uma abordagem mais crítica e questionadora sobre os mesmos.

Atenção à diversidade de contextos do Brasil, valorizar as pessoas e as comunidades em todas suas variações regionais e sociais, promover a saúde das famílias em seus múltiplos formatos constituem metas transversais no Ensino de Arte. As coleções aprovadas promovem esse tipo de cuidado e respeito a todos os povos e modos de ser existentes em nosso país e no mundo.

Quanto às ações e às produções em sala de aula, as coleções trazem alguns exemplos de obras desenvolvidas em comunidades e em oficinas. Porém ainda pouco aparecem, nos livros didáticos de Arte, exemplos que reforcem a arte dentro do cotidiano escolar e das instituições de ensino para as quais os livros são destinados. Artistas que atuam especialmente na Educação Básica e as produções dos estudantes, advindas de projetos que tenham cul-

minado em exposições, intervenções e espetáculos, podem ser exemplos interessantes e instigantes a serem mostrados nas coleções.

Concepções e conteúdos

No mundo contemporâneo muitas são as definições e conceitos para a arte. Na Educação Básica, apresentar essas definições não basta para promover o aprendizado em arte, mas suas problematizações, adequadamente e oportunamente conduzidas, contribuem para o entendimento de manifestações e práticas artísticas que necessitam ser efetivamente vividas e experimentadas em seus modos diversos. O trabalho na Educação Básica não tem como foco a apresentação e a definição de conceitos teóricos sobre arte, apesar de eles integrarem seus estudos. A arte, na Educação Básica, está voltada à experimentação dos elementos constitutivos das modalidades artísticas. Porém os livros ainda estão muito centrados em afirmações sobre o que seja a arte, apresentando definições que circunscrevem a arte a determinadas perspectivas teóricas. Entre muitas definições possíveis, observa-se que os livros didáticos reiteram o enunciado advindo da literatura do século XX, orientada por paradigmas linguísticos estruturais, que compreendem a arte como uma linguagem. Não há o que seja incorreto em termos conceituais, porém uma obra didática destinada a jovens em idade escolar não pode fechar um conceito para uma área cujas concepções se modificam no devir dos povos e na paisagem de cada época. Também é recorrente o emprego do termo “linguagem” para as modalidades artísticas. Por linguagem compreende-se uma organização de signos estruturada em códigos. Mesmo que existam códigos para todas as modalidades, nem tudo nos acontecimentos da arte pode ser codificado. Nem todos os sentimentos, gestos, improvisos e outros modos de fazer a arte acontecer conseguem se estruturar ou se fazer valer de símbolos reconhecidos. A fruição da arte, as emoções que podem surgir quando nos deparamos com uma obra ou manifestação cultural nem sempre podem ser traduzidas por palavras. Não há assertivas no que tange a se dizer o que é arte, por isso fechar uma definição de arte tentando contornar aquilo que ela é implica deixar de lado todos os outros conceitos que, cada um de nós, a partir de suas experiências e convicções, pode criar.

Em razão de sua abertura a múltiplas definições, é difícil elencar quais são os conteúdos básicos e essenciais para o aprendizado em Arte. Cada modalidade apresenta elementos fundamentais para serem abordados, como a cor e as composições de formas nas Artes Visuais, o corpo na Dança, o som na Música e a cena no Teatro. São elementos que não se encontram isolados de obras, artefatos e manifestações. Embora não seja objetivo das aulas de Arte na escola básica formar virtuosos - como de resto não é o objetivo de qualquer dos outros componentes curriculares - todos os elementos que compõem obras precisam ser apresentados, ainda que sem intenção de que seja aprendido seu domínio. Como exemplo temos a introdução à leitura de notações musicais presentes nos livros didáticos. O trabalho com essas notações não visa à execução de peças musicais, mas sim à aproximação e ao aprendizado de

códigos simples presentes em diversas escritas musicais, incluindo as partituras tradicionais.

Embora os livros privilegiem obras e criações brasileiras, a Arte tem também um saber universal, sendo que produções de todos os lugares do mundo contribuem em sua aprendizagem. Porém observa-se que os livros didáticos não têm um padrão quanto a traduzir ou não diversos títulos de obras ou manifestações culturais. Isso acontece porque há termos intraduzíveis, cuja tradução implica tornar a palavra outra coisa, como o exemplo da palavra *iorubá*. De qualquer modo, o cuidado com as traduções, créditos de imagens e dados técnicos das obras, trabalhos e manifestações apresentadas precisa ser observado, pois não cabe, no contexto de sala de aula, professores e professoras terem que retificar essas informações.

Novas palavras, em geral conceitos, mas também ações ou artefatos específicos, constam em glossários ou definições em nota de página, acompanhando o texto, seja no Manual do Professor ou no Livro do Estudante, favorecendo a compreensão de textos, imagens e conteúdos. O vocabulário específico de cada modalidade artística é introduzido ou abordado junto aos conteúdos, permitindo que, em cada local do país, o estudante tenha uma visão do Brasil em termos e costumes diferentes dos da sua região e que visualize as tradições que se repetem em diversos estados, como as comemorações do Boi, nomeadas e explicadas à guisa de imagens e textos.

Os áudios que os Livros do Estudante contêm em CD, embora tragam um repertório variado, articulado aos temas tratados nas coleções e exemplificações sonoras necessárias ao aprendizado da Música, oferecem menos exemplos que os textos e imagens da obra impressa.

Os Objetos Educacionais Digitais trazem áudios; vídeos com documentários sobre alguns temas de estudo e a respeito de produções artísticas; vídeos que mostram produções artísticas em diversas modalidades; manifestações de espetáculos cênicos, em Teatro e Dança; textos e demonstrações teóricas sobre questões abordadas pelo livro impresso; mapas conceituais que ajudam a entender a proposta geral de cada livro.

Para o componente curricular Arte, as demais mídias, com seus recursos para reproduções sonoras e audiovisuais, são tão importantes quanto as mídias impressas. Não existem apenas para exemplificar conteúdos presentes nos textos, ainda que o façam, mas como arte a ser apreciada tal qual imagens ou poemas, no livro impresso. Os CDs podem ser escutados ininterruptamente e trazem o piano dos salões, a roda de samba, viola, músicas e canções brasileiras de todos os estilos. A parte sonora complementa a obra impressa, sendo indispensável para que o livro didático não seja apenas um repositório de informações, mas um propositor de experiências artísticas.

Aprender e ensinar Arte com Livros Didáticos

Os exemplos aqui elencados mostram como as coleções intencionam abrir as artes à diversidade de manifestações, tanto as tradicionais quanto as contemporâneas. A impossibilidade de uma listagem de conteúdos sequenciais, com pré-requisitos para obtenção de uma compreensão após outra, permite que cada parte de cada um dos livros seja usada em cada ano que bem aprouver à professora e ao professor, e permite, também, melhor encadear a construção de conhecimentos junto aos estudantes. Não há uma escala de dificuldades e complexificação de textos, sendo possível trabalhar de acordo com a pertinência dos temas e não com a sequencialidade dos conteúdos. Os temas advindos dos movimentos da história da arte e outros contextos, não necessariamente próprios da arte, aparecem num encadearamento não histórico-cronológico, alinear, com linhas do tempo provisórias e incompletas, as quais podem sugerir novas pesquisas e análise de contextos espaço-temporais.

A construção de projetos e a organização de unidades fica em aberto, podendo ou não, de acordo com as decisões docentes, apresentar sequência histórica. Não há, nas coleções aprovadas, preponderância de uma modalidade ou outra.

As orientações teórico-metodológicas observadas consideram que a arte está presente na vida dos estudantes e que sua exploração pode desenvolver conceitos de cidadania e identidade cultural. Também assumem que arte e cultura são mediadoras de significados que podem ser interpretados e construídos. Contudo, dentro dos livros, também nos deparamos com determinadas forças presentes na arte, as quais não podem ser interpretadas e tampouco significadas, da ordem do indizível. Os caminhos apontados ao longo dos temas e unidades que compõem os livros didáticos das coleções aprovadas estimulam percepções, encontros significativos e experiências no contato com a produção da cultura brasileira, valorizando a arte produzida como patrimônio cultural diversificado.

Apesar de transitar por modalidades distintas, a professora e o professor de Arte atuam não mais como uma professora ou um professor polivalente, sem especialidade em uma das modalidades artísticas, mas de acordo com sua formação acadêmica específica. Ao criarem proposições, mediarem as situações de ensino-aprendizagem, escolherem textos, áudios e imagens para compor aulas, a professora e o professor se afirmam como autores de seu próprio trabalho, explorando de maneira integradora e interdisciplinar os conteúdos de Arte a partir de diferentes abordagens. A professora e o professor incentivam a experiência pelo que se vê, que se escuta e que se sente, sendo articulado ao que produz, seja de modo prático ou referente ao pensamento de determinada obra visual, musical ou cênica estudada. A professora e o professor selecionam livros para uso em sala de aula, não para segui-los página a página, mas para desenvolverem, a partir de suas unidades, temas e capítulos, aulas que promovam o aprendizado da Arte em todas suas instâncias, por vezes dando mais atenção a uma, por vezes misturando as modalidades. Também podem articular o que está nos livros a

saberes advindos de narrativas, tradições e outros elementos que ainda não constam em livros, enriquecendo, a partir dos instrumentos que os livros didáticos trazem, as experiências estéticas e poéticas próprias da aprendizagem artística.

Mas como usar essas coleções? Como transformar essas coleções em aliados para que estudantes, professoras e professores ampliem a sua experiência com e a partir da produção artística da humanidade? As coleções apresentam textos, sons e imagens, com uma riqueza de informações e oportunidades para que a vontade de saber mais sobre arte se realize. Podemos pensar essas coleções como amplos álbuns de imagens instigantes que não servem simplesmente para “ilustrar” conteúdos ou para tornar os textos mais agradáveis aos estudantes. As imagens aqui são também o próprio conteúdo, é preciso prestar bem atenção. Se nem sempre temos a possibilidade e a oportunidade de levar nossos estudantes a museus, centros e instituições culturais, festividades regionais, espetáculos de dança, teatro ou música, os livros podem fazê-los viajar através das imagens, instigando-os a querer saber mais e aguçar a sua curiosidade, tornando este saber como algo que também faz parte de sua vida. As experiências provocadas por essas imagens e pela mediação atenta das professoras e dos professores podem provocar os estudantes a querer viver e a produzir tais experiências em suas próprias localidades (como produtores e espectadores), desde a região mais remota e pequena até as cidades mais populosas do país. Sendo assim, as imagens dispostas nos livros se oferecem também para leituras e interpretações variadas, em consonância e parceria com os textos.

Os livros didáticos também oferecem textos importantes que ampliam a compreensão a respeito dos conhecimentos sobre as diferentes modalidades artísticas. Muitos podem perguntar: arte tem conteúdo? Tem sim, e este pode ser lido e explorado de diferentes maneiras por professoras, professores e estudantes. Mas este é um conteúdo especial, que deve ser vivido, experimentado, saboreado, interpretado, redimensionado a partir das experiências e conhecimentos de seus leitores. É importante pensar que os textos podem funcionar como “hipertextos”, que levam os leitores a uma rede de novos textos, sons e imagens, como janelas para diferentes apropriações de conhecimento sobre arte. Não há necessidade de seguir uma ordem linear em que cada capítulo, proposição ou conhecimento é necessariamente disposto um após o outro, como as antigas cartilhas. Professoras e professores podem criar diferentes roteiros, inventando caminhos de leitura de textos e imagens ao longo dos quatro livros referentes aos anos finais do Ensino Fundamental. O uso dos livros, dessa forma, não prescinde de um planejamento prévio. Os textos necessitam de uma leitura atenta e de uma interpretação mediada pela professora e pelo professor. Não são textos feitos para serem copiados ou utilizados como uma matéria a ser “decorada” para testes ou provas que exijam respostas objetivas. Os textos, aliados às imagens, oferecidos generosa e cuidadosamente nos livros selecionados, trazem saberes importantes que podem ser ampliados e reinventados a partir de boas e convidativas aulas de Arte. Os livros podem ser pensados como bússolas que podem guiar o caminho para o trabalho com o componente curricular Arte nos anos finais do Ensino Fundamental, mas quem escolhe o melhor roteiro para essa

viagem são os seus protagonistas: estudantes, professoras e professores nas mais diversas escolas e contextos culturais desse grande Brasil. Cara professora e caro professor, que tal começar logo a criar o seu próprio roteiro através das coleções de Arte?



**RESENHAS
DE ARTE**



PROJETO MOSAICO - ARTE

Beá Meira
Rafael Presto
Ricardo Elia
Silvia Soter

EDITORA SCIPIONE
1ª edição - 2015

0035P17062

Coleção Tipo 1

www.scipione.com.br/pnld2017/projetomosaico/arte



Visão geral

A coleção *Projeto Mosaico - Arte* propõe um trabalho transdisciplinar por meio de quatro eixos temáticos: corpo, cidade, planeta e ancestralidade. Cada um desses eixos está articulado com uma determinada modalidade artística, estando assim distribuídos: 6º ano: o corpo com a Dança; 7º ano: a cidade com as Artes Visuais e Audiovisuais; 8º ano: o planeta com a Música; e 9º ano: a ancestralidade com o Teatro. As informações são precisas e cada atividade ou imagem se conecta às questões que cada proposta de projeto de estudo traz. Cada uma de suas páginas pode ser usada independentemente, conforme a organização do projeto. O nome da coleção expressa o processo pedagógico proposto, estando em consonância com os conceitos teórico-metodológicos assumidos, os quais compatibilizam a junção de pequenos pedaços ou partes num todo mais amplo e coeso.

Apresenta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro e para a arte contemporânea, especialmente as de matrizes indígena, africana e europeia, mostrando as múltiplas realidades das cinco regiões brasileiras. Isso se evidencia na estratégia de abordar temas e modalidades artísticas que, por seu caráter, evocam questões que podem ser problematizadas aos diferentes contextos sociais dos estudantes. A maneira como imagens, textos e atividades se apresentam potencializa uma atitude crítica sobre as realidades a serem estudadas.



Descrição

Trata-se de coleção composta por quatro Livros do Estudante, quatro Manuais do Professor e quatro Manuais do Professor Multimídia, correspondente aos anos finais do Ensino Fundamental, 6º, 7º, 8º e 9º anos. Cada volume impresso possui, em anexo, um CD de áudio.

A estrutura de cada livro é constituída por *Apresentação; Por dentro da obra; Sumário; Introdução ao volume; Abertura de capítulo; Começando por você; Painel; Fala o artista; Pensando com a história; Hora da troca; Debate; Teoria e técnica; Atividades; Caderno de projetos; Jeitos de mudar o mundo; Explore também; e Bibliografia*. A abertura da seção *Começando por você* é uma linha, na parte superior da página, indicando os aspectos metodológicos que sintetizam como o assunto será explorado, apresentando: *tema, objeto, conceito, tema transversal, técnica e habilidade*. O *Painel* apresenta um conjunto de obras de lugares e épocas diferentes, sempre buscando estabelecer conexões entre a obra e o contexto dos estudantes. *Fala o artista* é uma seção que, por meio do relato de um artista sobre seu trabalho, propõe discussões coletivas, contribuindo para aproximações com o tema. *Pensando com a história* evoca a contextualização do que está sendo tratado. Em *Hora da troca*, parte-se de um recorte do tema convidando o estudante a trazer suas referências para o trabalho em sala de aula, valorizando-o como protagonista. Na seção *Debate*, um conjunto de obras é apresentado para provocar a discussão sobre o tema, e *Teoria e técnica* centra-se em técnicas e conceitos teóricos como preparo para a prática artística. Os capítulos são finalizados com a seção *Atividades*, na qual experimentações por meio do fazer artístico são propostas junto aos temas e às obras que foram apresentados.

Cada livro apresenta em sua *Abertura* conceitos, questões e temas específicos acompanhados de imagens. No Livro do 6º ano, *A Arte e o corpo*, são apresentados e contextualizados: *Afeto, Beleza, Anatomia, O corpo pensa?, Movimento, Saúde, Esporte, Consciência, Diferença, O corpo ama?, O som do corpo, Gesto e Morte*. No Livro do 7º ano, *A arte e a cidade*, os temas apresentados e contextualizados são: *Encontro, Mobilidade, Mercado, Poluição, Patrimônio, Segurança, A cidade fala, Trabalho, Consumo, Uma cidade de lixo?, Festa, Intervenção no espaço, Público e Privado, e Mapa da minha cidade*. No Livro do 8º ano, *A arte e o planeta*, são apresentados e contextualizados: *Natureza, Uma chance para a paz, Dinheiro, Diversidade, Clima, Rede mundial, Migrações, População, Uma só voz, Energia, Consumo, Água e O fim do mundo?*. No Livro do 9º ano, *Arte e Ancestralidade*, são apresentados e contextualizados: *Passado remoto, Tradição, Mito, Ritos, Religiões, Identidade, Símbolos, História de Família, Quem conta a História?, Etnias, Você sabe brincar?, Lugares sagrados, e Culinária*.

Cada Capítulo inicia com uma imagem e questões que anunciam o tema a ser explorado.

No Livro do Estudante do 6º ano, os capítulos são os seguintes: Capítulo 1: *Representação*

do corpo ; Capítulo 2: *O corpo na arte*; Capítulo 3: *A roupa e a arte*; Capítulo 4: *A Performance*; Capítulo 5: *Danças populares*; Capítulo 6: *Dança contemporânea*.

No Livro do Estudante do 7º ano, os capítulos são os seguintes: Capítulo 1: *A paisagem urbana*; Capítulo 2: *O homem e seu abrigo*; Capítulo 3: *A cidade e a arte pública*; Capítulo 4: *Intervenção urbana*; Capítulo 5: *Hip-hop*; Capítulo 6: *A cidade e o audiovisual*.

No Livro do Estudante do 8º ano, os capítulos são os seguintes: Capítulo 1: *A representação da natureza*; Capítulo 2: *Objetos para o futuro*; Capítulo 3: *Luz e som*; Capítulo 4: *Música do mundo*; Capítulo 5: *Palavra cantada*; Capítulo 6: *Música instrumental*.

No Livro do Estudante do 9º ano, os capítulos são os seguintes: Capítulo 1: *Narrativas visuais*; Capítulo 2: *Patrimônio cultural*; Capítulo 3: *Diálogo com o passado*; Capítulo 4: *Teatro através dos tempos*; Capítulo 5: *Arte, sociedade e política*; Capítulo 6: *A encenação teatral*.

Após os capítulos, encontra-se o *Caderno de projetos*, que é composto por: *Projeto 1*, que propõe um trabalho interdisciplinar coletivo; *Projeto 2*, que instrui os estudantes a realizarem um projeto sobre a modalidade artística e o tema tratado no volume. Em seguida apresenta-se a seção *Jeitos de mudar o mundo*, que traz exemplos de como a arte pode funcionar como instrumento de transformação da realidade. *Explore também* é a seção reservada para indicação de livros, sites, filmes, documentários, músicas, peças teatrais, espetáculos de dança e links relacionados aos temas, recomendados aos estudantes, professoras e professores. A seção *Bibliografia* está a seguir, apresentando referências de Artes Visuais e Audiovisuais, Dança, Música e Teatro.

O Manual do Professor apresenta todo o conteúdo do Livro do Estudante, com sugestões e esclarecimentos para a professora e o professor em letras de cor azul. O Manual do Professor é constituído por *Sumário*; *Apresentação* - comum a todos os volumes; *Orientações Pedagógicas Gerais* - comum a todos os volumes; *Orientações Específicas*, referentes à modalidade e ao tema do respectivo volume; um quadro com as informações do CD de áudio; e *Bibliografia*: específica do volume em questão. O Manual do Professor é acrescido, também, de trechos de textos que complementam os conteúdos dos Livros do Estudante. São textos sucintos e precisos que desenvolvem um pouco mais os temas abordados nos capítulos. Obras e autores apresentados em cada livro são detalhados sinteticamente na seção *Sobre obras e autores*, organizada especificamente para cada ano.

O Manual do Professor Multimídia apresenta-se com um design gráfico que possibilita fácil acesso ao conteúdo. Possui a mesma estrutura do Manual do Professor impresso, possuindo conteúdos extras que são acessados através do menu e por meio dos ícones indicativos nas páginas.

Nas *Orientações Específicas* do Manual do Professor, encontra-se um quadro que descreve

o CD de áudio que acompanha o volume. Essa descrição apresenta a relação completa das faixas do CD de áudio, enumerando: as faixas; os capítulos e as páginas nos quais as faixas são sugeridas; o conteúdo das faixas (título, gênero); as fontes de referência; e a duração das faixas. Os CDs de áudio do Livro do Estudante e do Manual do Professor apresentam conteúdos de Música presentes nos livros. O CD do 6º ano traz canções da Música Popular Brasileira, canções da Era do Rádio, músicas populares folclóricas e cirandas, música popular de várias regiões brasileiras como caxinguelê e maracatu. O CD do 7º ano apresenta o Rap do real, Legião Urbana, Vitor Ramil, canções de MPB e base de hip-hop instrumental. O CD do 8º ano, cujo livro enfoca o aprendizado da Música, apresenta vinte e três faixas com amostragens dos seguintes conteúdos musicais: altura, direção, intensidade e timbre, ritmos, pulso, harmonia e melodia, tipos de voz, consonância e dissonância, sons da orquestra, sustenidos e bemóis, música popular africana, música ritual xavante, música instrumental da África, Baião, exemplos de música erudita, música sacra, assim como também inclui várias canções de Música Popular Brasileira, como *Garota de Ipanema*, *As rosas não falam*, *Qui nem jiló*, entre outras. O CD do 9º ano apresenta canções de Música Popular Brasileira, como *Tropicália*, samba de roda, o samba *Batuque na cozinha*, *Fandango* e outras músicas típicas, como *Cururu*. A gravação de sons, músicas e canções apresenta boa qualidade sonora na reprodução.



Análise da coleção

A coleção *Mosaico* organiza temas de acordo com cada etapa dos anos finais do Ensino Fundamental, seguindo orientação de trabalhos com projetos. Cada um dos livros traz obras de arte que dialogam com o tema norteador do ano, apresentando conteúdos específicos de cada modalidade sem deixar de tratar das demais. Junto aos grandes temas para cada ano estão articuladas as quatro modalidades da área de Arte, sendo que cada livro se aprofunda em uma, sem deixar de tratar das outras. Apresenta artistas, monumentos, movimentos e outras formas de expressão, de vários lugares e épocas conjuntamente, unificando os conteúdos ao articular práticas e conceitos.

A coleção mostra a diversidade da produção artística e cultural em todas as suas modalidades, procurando abranger os diferentes contextos dos estados e regiões do país. Apresenta, também, criações oriundas de diferentes continentes e de distintos contextos históricos. Procura voltar-se à complexa realidade brasileira valorizando obras e produções de contextos distintos. Contempla o estudo das diversas manifestações artísticas e culturais afro-brasileiras e indígenas, bem como temas referentes a crianças, adolescentes e idosos e às questões de gênero e raça. A amplitude de assuntos é operada por meio de uma abordagem não cronológica, que opta por não atribuir juízos de valor a produções artísticas entre diferentes concepções estéticas, origens e contextos. Tal concepção mostra-se coerente com

os pressupostos teórico-metodológicos da coleção que, em sua perspectiva multicultural transdisciplinar, usa dos eixos temáticos para abordar a abrangência histórico-temporal da Arte de diversos povos, tempos e lugares. Cada livro apresenta muitas questões que problematizam seu tema norteador e, ao mesmo tempo, convocam o estudante a respondê-las. A superação dos problemas sociais contemporâneos é trabalhada na seção *Jeitos de mudar o mundo*, que envolve as sugestões de projetos em articulação com os textos e imagens de cada capítulo.

Os conteúdos dialogam com o cotidiano dos estudantes de forma abrangente e não restrita ao referencial de obras europeias consagradas e de artistas de grandes mídias. Ao disponibilizar um amplo repertório de imagens, artistas e movimentos, apresenta a arte como um campo de conhecimento desprovido de preconceitos e de conhecimentos hierarquizados, afirmando a produção artística como um vetor de construção da cidadania. As imagens exemplificam os temas com reproduções que privilegiam o universo juvenil, trazendo figuras de adolescentes e de jovens ao centro da discussão temática, ao mesmo tempo em que aproveitam para abordar os assuntos com subtemas transversais. No que concerne aos diferentes cenários escolares, nas múltiplas realidades das regiões brasileiras, observa-se que a estratégia adotada articula de forma transdisciplinar temas, obras, conceitos e técnicas artísticas, conectando o estudante à dimensão plural de todas as modalidades da arte.

A metodologia indicada são princípios interculturais organizados em diagramas de acordo com os tópicos centrais escolhidos como mote para cada ano do final do Ensino Fundamental. O Manual do Professor apresenta uma estratégia pedagógica clara e orientações específicas quanto ao conteúdo de cada volume. Há detalhamento das referências citadas, especialmente porque traz vários artistas e exposições pouco reconhecidos pelos grandes meios de comunicação. A bibliografia do Manual do Professor é sucinta, ainda que atualizada e pertinente ao que se apresenta em termos de concepções e orientações. As discussões específicas relacionadas ao ensino de Arte nos anos finais do Ensino Fundamental encontram-se relatadas no Manual do Professor, em quatro seções referentes às modalidades artísticas. Essas discussões trazem um breve apanhado histórico sobre o ensino de cada modalidade artística no Brasil para, em seguida, fixar-se nas considerações sobre o ensino destas na contemporaneidade, elucidando a abordagem adotada pela coleção.

Observa-se coerência entre todos os volumes dos Manuais do Professor Multimídia, os Manuais do Professor e os Livros do Estudante. O Livro do Estudante apresenta textos, imagens, indicações de textos, músicas e vídeos e atividades destinadas ao estudante. O Manual do Professor se constitui de tudo o que há no Livro do Estudante, contando com o acréscimo de textos indicativos que auxiliam como utilizar o material em aula, ampliando as explicações sobre o que consta no Livro do Estudante. Os Manuais do Professor Multimídia estão articulados com o Livro do Estudante e com o Manual do Professor, apresentando os mesmos conteúdos, sendo complementados com os Objetos Educacionais Digitais, com indicações extras de vídeos, breves textos e sites que possibilitam à professora e ao professor ter

acesso a mais informações sobre os temas transdisciplinares e modalidades artísticas tratadas na coleção. Os Manuais do Professor Multimídia contêm os mapas conceituais de cada um dos quatro livros da coleção, de modo que todos possam ser acessados em qualquer um dos anos, podendo ser explorados como recurso para a abordagem dos conteúdos e articulados de forma interdisciplinar. Esses mapas trazem trechos em áudio de diversos autores e são acompanhados por um vídeo. No final, um conjunto de referências se mostra como *Sugestões de leitura para o professor sobre multimídia e conteúdos educacionais digitais em geral*. Quanto ao uso didático do Manual do Professor Multimídia, o Manual do Professor, ao longo do texto impresso, vai pontuando com ícones dos links que remetem aos recursos disponíveis no Manual do Professor Multimídia.

Observa-se uma atenção especial na descrição das atividades a serem executadas, desde o emprego dos materiais e dos procedimentos a serem adotados até as etapas de realização e da apreciação dos resultados obtidos. O Manual do Professor também apresenta esquemas e quadros que demonstram como sua concepção teórico-metodológica opera e como a forma de sua estrutura se organiza. Tais quadros e diagramas apontam recursos, possibilidades e instrumentos para estruturação de projetos de ensino e avaliação da aprendizagem. Os textos do Manual do Professor orientam na utilização dos recursos e na condução de projetos em torno dos temas apresentados, tendo em consideração as dificuldades encontradas no cotidiano escolar, como a falta de recursos e materiais.

Para cada assunto há as indicações específicas de publicações, vídeos e sites. Tratam-se de sugestões precisas, as quais se encontram ao final das orientações para cada capítulo, apresentando tanto referências bibliográficas célebres sobre o assunto tratado, quanto links e vídeos com informações e conteúdos condensados para facilitar o trabalho em sala de aula. Obras e autores apresentados em cada livro são detalhados sinteticamente para cada ano.

Ao contemplar Artes Audiovisuais e Visuais, Dança, Música e Teatro, a coleção tem como enfoque os processos de ensino-aprendizagem próprios do campo de conhecimento da Arte, estendidos a temáticas sociais e culturais mais amplas. Por meio das várias modalidades artísticas o estudante é provocado a desenvolver novas formas de pensar, interpretar, construir, formular hipóteses e produzir visões de mundo diferenciadas. A estratégia adotada enfatiza a arte como campo de conhecimento que investe em mediações interdisciplinares que, ao ampliar seu raio de ação por conta de seu caráter multicultural, possibilita ao estudante estabelecer novas e diferentes relações entre os processos artísticos e as questões objetivas relacionadas com seu cotidiano.

As atividades propostas, ao final de cada capítulo, buscam articular os conteúdos discutidos com possíveis práticas a serem desenvolvidas em sala de aula. Em cada volume essa articulação se dá por meio de cada um dos temas. As seções que compõem os capítulos apresentam conteúdos que são revisitados nas atividades, seja nas propostas individuais ou nas em grupo. Além das atividades propostas nos capítulos, encontram-se no *Caderno de Projetos*,

especificamente na seção *Projeto 1, os Temas para o projeto*, que sugerem atividades temáticas para a realização de um projeto interdisciplinar, onde há articulação de conhecimentos de diferentes componentes curriculares. As atividades, muitas vezes desenvolvidas interdisciplinarmente, possibilitam a amostragem da produção como uma avaliação qualitativa dos resultados.

Os conceitos apresentados na coleção podem ser vistos na página inicial de cada capítulo, em uma linha na parte superior da página. Tais conceitos estão relacionados diretamente aos temas transdisciplinares e às modalidades artísticas. Nessa concepção estrutural, atividades, textos, imagens, conceitos e conteúdos digitais estão articulados, em seus respectivos capítulos, por meio do tema do livro e dos conceitos temáticos junto a uma ou mais modalidades artísticas.

A coleção apresenta um projeto gráfico simples e claro, em consonância com sua organização conceitual, assegurando sua legibilidade e compreensão. A coleção apresenta uma unidade visual que diferencia, por cor, os volumes por ano e resulta numa estrutura coesa que proporciona equilíbrio entre texto principal, ilustrações e textos complementares. Estes se encontram identificados adequadamente e não se confundem com o texto principal, cumprindo seu papel de ampliar os conhecimentos sobre os respectivos temas. Os recursos e intervenções gráficas são usados com parcimônia e objetividade, no sentido de valorizar a exploração do material didático, o que busca facilitar a compreensão, aplicação e avaliação do processo de ensino-aprendizagem. Faz-se a ressalva de que faltam nos livros algumas indicações do número das faixas do CD de áudio correspondentes aos conteúdos e alguns links indicados não funcionam.



Em sala de aula

As orientações e indicações específicas no Manual do Professor são de extrema importância para o desenvolvimento do trabalho junto aos temas norteadores. O trabalho com projetos proposto pela coleção implica uma postura investigativa, tanto da professora e do professor, como por parte dos estudantes. Cada texto, cada imagem, pode levar a outros textos e a outras imagens que não estão na coleção, sendo possível usar livros de um ano em projetos e atividades de outro ano.

A diversidade de exemplos caracteriza a proposta da coleção para ilustrar determinados temas e conceitos. No entanto, é necessário evidenciar a distinção entre os diferentes contextos em que cada manifestação exemplificada se origina. Sem uma contextualização mais ampla, pode-se incorrer em relativismos culturais ou em emprego equivocado de conceitos. Portanto, as indicações referentes a cada exemplo contidas no Manual do Professor são fun-

damentais para ampliar a contextualização além do que é oferecido no Livro do Estudante. Por exemplo, manifestações populares tradicionais, como a Congada, são representações cênicas que têm uma origem histórica e cultural, de contexto bem demarcado, cuja concepção é muito anterior ao conceito contemporâneo de performance. O fato de ser uma manifestação coletiva de reinvenção do cotidiano, simplesmente, não a classifica como tal. Mais apropriado seria considerar que a Congada pode ser compreendida como uma performance por apresentar elementos usualmente explorados por essa modalidade artística contemporânea. No entanto, originalmente, a Congada não foi criada conceitualmente como performance, pois o termo performance, no contexto da arte contemporânea, não pode ser aplicado indistintamente a todo e qualquer tipo de manifestação cênica, embora esta possa, de alguma forma, usar de elementos que são próprios da modalidade artística Performance, cujas especificidades e hibridismos são de extrema importância no aprendizado da Arte. Assim, como neste caso, um aprofundamento sobre assuntos que possam vir a ter maior significado em sala de aula pode ser requerido ao longo do desenvolvimento de um projeto.

Várias atividades práticas propostas na coleção contribuem para uma iniciação técnica no universo das modalidades artísticas. Porém muitas técnicas das Artes Visuais exigem uma aplicação que requer repetição e, devido a sua complexidade em relação a técnicas, mídias, suportes e gestos, pouco conseguem ser aprendidas dentro da escola. Observa-se que as propostas em que o estudante é levado a experimentar o contato com as técnicas convencionais do desenho e da pintura são escassas. Deste modo, no caso de a professora ou o professor se deparar com interesse por esse tipo de atividade por parte dos estudantes, é necessário buscar propostas que não sejam as enunciadas pela coleção. O mesmo pode ser observado em relação à Música, no caso de surgir interesse dos estudantes em conhecerem ou aprenderem a notação musical. Será preciso buscar partituras, pois a coleção apresenta apenas uma partitura, a título de demonstração.



POR TODA PARTE

Bruno Fischer
Carlos Kater
Pascoal Ferrari
Solange Utuari

FTD
1ª edição - 2015

0088P17062

Coleção Tipo 2

www.ftd.com.br/pnld2017/portodaparte



Visão geral

A coleção *Por toda parte* propõe um trabalho interdisciplinar entre as Artes Audiovisuais e Visuais, Dança, Música e Teatro, oferecendo referências bastante diversificadas, especialmente em manifestações regionais com atenção aos aspectos multiculturais e sincréticos do povo brasileiro. Cada livro da coleção se organiza com três unidades com temas distintos, divididas em dois capítulos cada. Cada capítulo é subdividido em três temas e seções variáveis. É possível que as unidades sejam trabalhadas na ordem que melhor convier, porém há articulação nas referências encontradas dentro de cada unidade, embora não existam conteúdos sequenciais. O nome *Por toda parte* já diz da fragmentação encadeada que as diversas concepções metodológicas adotadas pela coleção provoca.

Essa coleção enfatiza as misturas da identidade brasileira ao apresentar criações artísticas contemporâneas e produções de diversos povos, segmentos sociais e etnias. Contempla a cultura afrodescendente e a dos povos indígenas, considerando sua participação em diferentes processos históricos que marcam a formação dos valores, tradições e saberes do Brasil.



Descrição

Trata-se de coleção composta por quatro Livros do Estudante e quatro Manuais do Professor, correspondente aos anos finais do Ensino Fundamental, 6º, 7º, 8º e 9º anos. Cada volume impresso possui, em anexo, um CD de áudio.

A estrutura de cada livro é constituída por *Apresentação, Caro aluno, conheça o seu livro de estudo da Arte!, Sumário, Unidade 1, Unidade 2, Unidade 3 e Páginas finais*. Inicia com um mapeamento dos tópicos, intitulado *Caro aluno, conheça o seu livro de estudo da Arte!*, que apresenta ao estudante a organização e o que tem em cada tópico do livro. Na *Apresentação* há um texto em tom de conversa com o estudante, convidando-o a estudar Arte. No *Sumário* é apresentada a estrutura do livro, que se compõe de unidades, capítulos e temas e a seção *Misturando tudo*, a qual, ao final de cada capítulo, traz questões específicas de cada modalidade em relação aos temas, obras e atividades apresentados. Ao final do livro, há as seções *Ampliando e Referências*. Em *Ampliando* é apresentado o índice remissivo com uma lista de palavras e assuntos que foram tratados ao longo do livro; em *Referências* são apresentadas as referências bibliográficas utilizadas na elaboração do Livro do Estudante. Ao final das Unidades temos os seguintes tópicos: *Expedição cultural; Diário de artista; seção Conexão arte*, onde há sugestões de sites, livros, músicas, filmes, animações e documentários e, por fim, uma linha de tempo sucinta referente aos tópicos tratados em cada unidade.

Cada Livro do Estudante é dividido em três unidades, com dois capítulos em cada Unidade; cada Capítulo tem dois ou três temas, assim organizados:

Livro do Estudante do 6º ano: Unidade 1 - *Arte: cada um tem a sua* - Capítulo 1: *#Arte*, Capítulo 2: *O lugar da arte e Linha do Tempo – A pintura em grandes dimensões*; Unidade 2 - *Raízes* - Capítulo 1: *A floresta*, Capítulo 2: *A caravela e Linha do Tempo: A imagem da pessoa indígena: pelo próprio olhar e pelo olhar do outro*; Unidade 3 - *Povos arteiros* - Capítulo 1: *Sementes*, Capítulo 2: *O reino e Linha do Tempo – Afrodescendentes: arte e sua cultura*.

Livro do Estudante do 7º ano: Unidade 1 - *Os discursos das linguagens* - Capítulo 1: *Arte é linguagem*, Capítulo 2: *Linguajar e Linha do Tempo – Escultura: arte tridimensional de todos os tempos*; Unidade 2 - *Arte, som e palavra* - Capítulo 1: *De canto a canto*, Capítulo 2: *Linguagens das artes – muitas em uma e Linha do Tempo – A palavra, a cena e os cantos nos cantos do mundo*; Unidade 3 - *Brincar de criar* - Capítulo 1: *Se essa rua fosse minha*, Capítulo 2: *Ciranda, cirandeiro e Linha do Tempo – Encontros de música e dança nas artes visuais*.

Livro do Estudante do 8º ano: Unidade 1 - *A arte e suas invenções maravilhosas* - Capítulo 1: *Cor, espaço e tempo*, Capítulo 2: *Som e invenção e Linha do Tempo – Instrumentos que o tempo traz*; Unidade 2 - *Olhando pela lente* - Capítulo 1: *Imagem: captura e criação*, Capítulo 2:

Imagem fixa e em movimento e Linha do Tempo – Fotografia: registros marcantes de arte e história; Unidade 3 - Tecnologia, corpo e voz - Capítulo 1: Batucadas e batidas, Capítulo 2: Olho e voz e Linha do Tempo – Animação: da Pré-História à contemporaneidade (das paredes às telas).

Livro do Estudante do 9º ano: Unidade 1 - *Palavra, arte e multimídia* - Capítulo 1: *A palavra na cena*, Capítulo 2: *Arte multimídia* e Linha do Tempo – *Evolução das mídias e o fazer artístico*; Unidade 2 - *A língua do corpo* - Capítulo 1: *Performance*, Capítulo 2: *Dança* e Linha do Tempo – *Os seres humanos e a dança: juntos desde o primeiro gesto*; Unidade 3 - *Traços e cores* - Capítulo 1: *Desenhar, pintar e gravar*, Capítulo 2: *Sons e cores do Brasil* e Linha do Tempo – *O desenho, seus suportes e desdobramentos*.

O Manual do Professor apresenta todo o conteúdo do Livro do Estudante, com sugestões e esclarecimentos para a professora e o professor, situados nas margens da página, em letras cor magenta. Após as *Referências* do Livro do Estudante, há as *Orientações para o professor*. Na página seguinte, aparece o Sumário com: *Apresentação*, 1. *Fundamentos Teóricos*; 2. *Orientações teórico-metodológicas*; 3. *Diário de bordo, diário de artista e portfólio*; 4. *Quadro de conteúdos de CDs* – seguido de um quadro de *Períodos musicais e estilos*. Depois, diferindo para cada ano, as seções com orientações específicas para as unidades dos Livros do Estudante, com informações sobre as faixas dos CDs e a seção *Ampliando saberes*, onde, de forma concisa, são apresentados os artistas e autores que compõem cada volume. Por fim, são apresentadas as muitas referências que o Manual do Professor utiliza.

Os CDs de áudio do Livro do Estudante e do Manual do Professor apresentam muitas faixas com conteúdos de Música presentes nos livros, por vezes acompanhados das respectivas partituras. O CD do 6º ano traz amostragens de escala de sons e instrumentos, assim como músicas do folclore brasileiro, como o maracatu. Também traz músicas tradicionais da cultura europeia, com *Minno Amor*, uma composição de Palestrina e ainda uma composição do artista Cildo Meireles, entre outras experimentações, como sinfonia de sapos e uma peça eletroacústica de José Augusto Mannis. O CD do 7º ano apresenta parâmetros sonoros, músicas indígenas e do grupo Barbatuques, além de composições e arranjos de Carlos Kater para partituras gráficas e sonoridade paleolítica, bem como canções tradicionais como *Frère Jacques*. O CD do 8º ano traz prelúdios de Bach e outros exemplos de música erudita, como Mozart e Beethoven, Hermeto Pascoal, grupo Uakti e outras experimentações. O CD do 9º ano traz Villa Lobos, Erik Satie, músicas de compositores brasileiros como Chiquinha Gonzaga, Noel Rosa e Ernesto Nazareth, entre outros. Todos os CDs apresentam pelo menos duas faixas com músicas advindas das culturas africanas e indígenas. Cada faixa apresenta os créditos de compositores, arranjos e intérpretes em um quadro no Manual do Professor. O quadro indica em que CDs estão as faixas relativas aos seguintes temas: Música: teoria e informação, Música Popular Brasileira, Músicas de diversas tradições e Peças lúdicas musicais. A gravação de sons, músicas e canções apresenta boa qualidade sonora na reprodução.



Análise da obra

A coleção *Por toda parte* procura oferecer possibilidades de fruição, contextualização, expressão e criação artística através da diversidade de referências apresentadas em suas unidades. Cada unidade tende a privilegiar uma das modalidades artísticas, distinguindo e articulando diferentes modalidades artísticas entre si. Ao não privilegiar uma modalidade artística mais do que outra em seu conjunto, respeita a especificidade de cada modalidade de forma interdisciplinar e em diálogo com conteúdos advindos de outros componentes curriculares. A coleção inclui vocabulário técnico específico das modalidades artísticas e os conteúdos são contextualizados em exercícios, atividades, ilustrações ou imagens. A proposta que atravessa toda coleção é a escrita e confecção de um *Diário de Bordo*, cuja elaboração se enuncia na seção *Expedição cultural*.

A coleção trata da diversidade da produção artística e cultural procurando abranger diferentes contextos, porém com número maior de artistas da região Sudeste e de tradições da região Nordeste do Brasil. Aborda a realidade brasileira em suas bases étnicas e sincretismos, dando espaço para manifestações típicas, mas com pouca representatividade das regiões Norte e Sul. Embora faça articulações entre obras e assuntos na linha de tempo com a qual encerra as unidades, o conteúdo não é apresentado cronologicamente.

Ao apresentar uma diversidade de manifestações, tanto tradicionais quanto contemporâneas, relaciona o estudo da Arte ao cotidiano e a produções familiares aos estudantes, especialmente nos temas específicos do Audiovisual. Para tanto reproduz imagens advindas de filmes e livros de entretenimento, contextualizadas junto aos temas tratados em capítulos e seções relativas ao cinema, à fotografia, às histórias em quadrinhos e ao desenho animado, sem destaque para a corporação, editora ou marca que a produziu.

Os pressupostos teórico-metodológicos da coleção referendam perspectivas teóricas bastante distintas. O Manual do Professor, nas seções iguais em todos os volumes, apresenta sua proposta didático-pedagógica descrevendo as premissas gerais da coleção, bem como os caminhos curriculares almejados, de acordo com sua abordagem, que mistura vários conceitos e autores, para a Arte, apresentando trechos de textos e citações de fundamentações teóricas díspares. Entre essas muitas acepções, o Manual do Professor traz a concepção de professor propositor para desenvolver Projetos de Trabalho, assumindo a importância de as aulas de arte envolverem as experiências vividas pelos estudantes. Também sugere leituras para a atualização do professor e da professora, de modo a incentivar uma reflexão sobre a prática docente. Sugere propostas de atividades complementares às do Livro do Estudante, dando subsídios para o trabalho com imagens, partituras e outros veículos específicos que constam no Livro do Estudante. Entretanto, em algumas atividades, não há opções, no caso de não haver internet ou outras mídias indicadas. No tópico *Quadro de conteúdos dos CDs*, há

um índice do que será estudado nos quatro volumes e, em outro quadro, são apresentados os períodos musicais e estilos, com datas e referência de localização da história humana.

Em seus *Fundamentos Teóricos*, no item *Temas emergentes e novas exigências educativas*, o Manual do Professor aponta questões sobre os direitos sociais, a partir das novas exigências políticas quanto aos sujeitos contemporâneos, tais como feminismo, diversidade sexual, questões étnico-raciais, pessoas com deficiência e pessoas privadas de liberdade. No Livro do Estudante, a liberdade de credo e tolerância religiosa são contempladas em textos que abordam o sincretismo em atividade que observa símbolos do judaísmo, cristianismo, islamismo e budismo, afirmando que o Brasil é um país laico, mostrando o quanto o sincretismo é um dos valores a ser compreendido junto à Arte. A compreensão da cultura antropofágica do Brasil não diz respeito apenas a indígenas, povos da floresta, afrodescendentes, seus rituais e suas práticas religiosas, mas, principalmente, a obras de arte historiografadas e artefatos cotidianos, entre referências de reconhecimento massivo e as singularidades de manifestações isoladas. Constata-se que, ao longo dos volumes, foram apresentadas imagens de estudantes de diversas etnias e estudantes que fazem uso de cadeira de rodas – representativas de situações de aprendizagem e propostas didáticas – que reforçam a diversidade da população brasileira, bem como a pluralidade social e cultural do país. O Manual do Professor enfatiza a criação de um diário personalizado e artístico, que não “vale nota”, para acompanhar registros pessoais nas aulas de Arte.

Em várias propostas são feitos questionamentos e dados exemplos de artistas, instigando os estudantes a pensarem sobre o assunto em pauta e a realizarem ações em que são desafiados a pensar em temas que contemplam todas as modalidades. As propostas de exposição não são tratadas apenas como mostra ou apresentação dos trabalhos executados, mas também como momento de avaliação formativa. A seção *Conexão arte* apresenta sugestões de sites, livros, músicas, filmes, animações e documentários, com intenção de aprofundar o que foi visto nos conteúdos da Unidade, pretendendo que o estudante se interesse mais pelas artes. Nessa seção, o Livro do Estudante e o Manual do Professor apresentam os seguintes tópicos: *Clique Arte*, *Leia Arte*, *Ouçá Arte* e *Veja Arte*, onde são apresentadas sugestões bibliográficas, musicais e audiovisuais. Essa seção contribui para que os estudantes, as professoras e os professores conheçam manifestações culturais de outras regiões.

Os boxes denominados *Ampliando* fazem parte de todo o volume e ajudam o estudante a aumentar seu repertório em torno dos temas tratados, assim como a situá-lo sobre determinado momento histórico vivido e a conhecer o vocabulário específico de cada modalidade artística. Os boxes são apresentados de forma organizada, juntamente aos conteúdos dos textos principais de cada Unidade, Capítulo e Tema. Na sistematização dos conteúdos abordados na coleção, cada Tema apresenta conteúdos que envolvem produções artísticas e histórias do mundo da arte, que se relacionam com a seção *Mundo conectado*, onde são apresentadas possibilidades de tratar os conteúdos de forma interdisciplinar.



Em sala de aula

Para trabalhar com a coleção *Por toda parte*, é necessário fazer as devidas relações entre temas, modalidades e referências que os livros apresentam, a fim de desenvolver o trabalho com projetos sugerido no Manual do Professor. A construção de um projeto não está enunciada no Livro do Estudante, cabendo à professora e ao professor desenvolver as articulações metodológicas. Como os títulos de Unidades e Capítulos não são descritivos e, muitas vezes, não indicam claramente os conteúdos tratados, é fundamental se familiarizar com a coleção antes de se elaborar projetos e planejar aulas.

Há vários textos extensos que, especialmente para o sexto ano, é possível que requeiram a mediação docente para seu pleno aproveitamento. Em algumas seções, há sobreposição de informações, como, por exemplo, um conceito ser apresentado e, logo após, em um novo parágrafo, se referir a uma imagem que não trata diretamente do conceito introduzido, cabendo às professoras e aos professores buscar as possíveis relações. Sugere-se que as professoras e os professores procurem uma fundamentação teórica, que não se encontra suficientemente explicitada nos muitos textos do Manual do Professor, para poderem explicar em sala de aula a concepção de que a arte é linguagem, adotada pela coleção. Nos Livros do Estudante, o termo "linguagem" aparece, não apenas para se referir às modalidades artísticas, mas para designar imagens, gestos e tudo o mais que se apresenta como conteúdo, podendo ser, inclusive, tomado como razão das coisas e significado para o mundo, esse também tratado como linguagem dentro da coleção. Ao introduzir, no livro do sétimo ano, classificações de linguagem, e operar com um determinado conceito, explicando que a ideia é apenas uma metáfora, corre-se o risco das contextualizações, fruições e práticas pertinentes à aprendizagem da Arte subsumirem-se em abstrações. Para tanto, cabe à professora ou ao professor mediar as passagens nas quais a coleção enuncia questões de âmbito filosófico no Livro do Estudante, procurando tornar os conceitos apresentados próximos a experiências concretas e mais propícios ao aprendizado das modalidades artísticas.

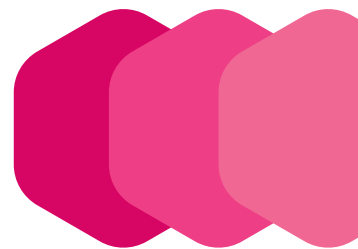
As práticas culturais seculares não podem ser categorizadas como Performance, embora apresentem elementos compatíveis com algumas práticas performáticas. A professora ou o professor deve explicar aos estudantes que as ações cênicas e corporais de festas e danças tradicionais não podem ser transpostas à Performance, que é uma modalidade cujos referenciais modernos e contemporâneos circunscrevem um campo híbrido e específico de conhecimento em Arte.

A teoria da cor é um dos conteúdos básicos das Artes Visuais. Como teoria está também implicada nas modalidades cênicas da arte, em especial na fotografia de cena e de iluminação. É um conteúdo interdisciplinar com a ciência, sendo a cor luz conteúdo também de Física e a cor pigmento, também, da Química. A teoria da cor, em seu princípio, refere-se às cores-luz e

às cores-pigmento. Um princípio básico é que as cores-luz primárias são cores-pigmento secundárias e vice-versa, ou seja, as cores-pigmento primárias são cores-luz secundárias. Cores primárias são as que se encontram em estado puro, ou seja, não podem ser obtidas pela mistura de outras cores. As cores-pigmento primárias são ciano, amarelo e magenta. Por se tratar de materialidade tátil, são encontradas em estado puro na natureza. As cores-luz primárias são violeta, vermelho e verde. Por se tratar de ondas físicas, são detectadas pela visão a partir da decomposição da luz. Assim, as cores-pigmento secundárias são violeta, vermelho e verde. O violeta é a mistura do magenta com o ciano; o vermelho é a mistura do magenta com o amarelo; o verde é a mistura do amarelo com o ciano. As cores-luz secundárias são magenta, ciano e amarelo. O magenta é a mistura do violeta com o vermelho; o amarelo é a mistura do verde com o vermelho; o ciano é a mistura do violeta com o verde. Encontramos cor-pigmento em tecidos, objetos, impressões de imagens, pinturas etc. Neste caso, o que se vê é a cor refletida pelos materiais. São exemplos de cor-luz a tela da televisão, tela do computador, as lâmpadas de iluminação etc. Neste caso, o que se vê é a cor emitida pela luz. Como quanto a todo elemento isolado, o aprendizado da teoria da cor é mais eficaz quando experimentado concretamente, através de misturas e projeções e ao olhar obras nas quais as cores podem ser analisadas quanto a seus valores, contrastes, gradações e nas relações entre si. Para uma aprendizagem eficaz é necessário que as professoras e os professores busquem modelos de círculos cromáticos com as cores corretas dentro de referências da Arte. Sugere-se evitar as convenções utilizadas pelos sistemas de impressão gráfica, que são voltados a usos técnicos e industriais, com nomenclaturas em inglês.

A maior parte das traduções de títulos de obras segue o padrão de como tal obra ou produto é exibido, sendo que, em casos muito célebres, o título permanece no idioma original. Porém, na coleção, foram observados casos em que o nome presente no livro não condiz com as traduções da literatura em torno de obras de arte e o nome traduzido pelas distribuidoras, no caso de títulos de filmes e, com menos ocorrência, pelas editoras, no caso de livros de ficção. Isso acontece em indicações e em legendas de imagens, sendo recomendado, no caso do exemplo se tornar significativo no desenvolvimento das aulas, que estudantes, professoras e professores procurem as diversificadas nomeações que tal obra ou produção possui.

FICHA DE AVALIAÇÃO



As avaliadoras e os avaliadores do componente curricular Arte do PNLD 2017 trabalharam a partir de um instrumento avaliativo cujos tópicos e questões estão aqui reproduzidos. Tal instrumento visou a uma avaliação equânime de todas as obras inscritas, estabelecendo um conjunto de itens relativos a uma ampla caracterização da coleção e a uma análise detalhada de todos os seus aspectos. Desse modo, foram analisados os aspectos legais, éticos e sociais, teóricos, pedagógicos, metodológicos e conceituais, assim como o projeto gráfico e a materialidade de cada coleção e de cada um dos livros. Cada avaliadora e avaliador trabalhou com um duplo-cego, sem qualquer comunicação com quem também estava avaliando a coleção designada. Após o término do processo individual, a avaliação resultou na consolidação de duas fichas diferentes, que se reiteram, se complementam e apresentam um consenso, junto à equipe da Coordenação Pedagógica e à Comissão Técnica, sobre cada um dos aspectos avaliados nas coleções.

As incidências que pudessem ferir aspectos éticos e legais, conforme determinado pelo Edital PNLD 2017, foram listadas e analisadas em suas ocorrências e contextos, de acordo com o prescrito na legislação. Foram analisados os aspectos éticos e sociais, a conexão entre as concepções teórico-metodológicas afirmadas no Manual do Professor e os aspectos pedagógicos do Livro do Estudante os quais envolvem a organização geral da coleção, a relação entre a matéria a ser aprendida, as atividades e a escolha de textos, músicas, sons e imagens. O Manual do Professor foi avaliado não pela concepção adotada, mas pela coerência entre as teorias que afirma seguir e o que se apresenta na proposta geral da coleção, ou seja, conteúdos, atividades, aspectos visuais e sonoros efetivados nos livros. As correções conceituais foram apontadas caso a caso, sendo diferenciadas das falhas pontuais, listadas e organizadas em quadros. A materialidade dos livros, em sua apresentação gráfica e plástica, também é considerada um elemento de extrema importância para a aprendizagem, sendo, portanto, avaliada sob vários aspectos. A sequência de cada tópico avaliado observou os critérios do Edital PNLD 2017.

A função principal deste instrumento foi reunir os requisitos que permitissem uma avaliação fundamentada e de qualidade, atendendo aos critérios exigidos pelo Edital PNLD 2017, subsidiando também a discussão a respeito das propostas apresentadas e visando contribuir para futuras proposições neste campo.

Segue a Ficha de avaliação, com seu detalhamento:

I) DESCRIÇÃO GLOBAL DA OBRA (Apresentação sumária dos livros que constituem a obra didática).

II) FORMAÇÃO CIDADÃ (Respeito à legislação, às diretrizes e às normas oficiais relativas ao Ensino Fundamental, e observância aos princípios éticos necessários à construção da cidadania).

III) PROPOSTA PEDAGÓGICA, CONTEÚDOS, ATIVIDADES E ILUSTRAÇÕES (Coerência e adequação da abordagem teórico-metodológica assumida pela obra, no que diz respeito à proposta didático-pedagógica explicitada e aos objetivos visados; e correção e atualização de conceitos, informações e procedimentos).

IV) MANUAL DO PROFESSOR (Observância quanto às características e finalidades específicas do Manual do Professor e adequação da obra à linha pedagógica nela apresentada; quanto às características e aos elementos presentes no Manual do Professor Multimídia – quando em obras do Tipo 1).

V) ASPECTOS DO PROJETO GRÁFICO-EDITORIAL DA OBRA (Adequação da estrutura editorial e do projeto gráfico aos objetivos didático-pedagógicos da obra).

LEIS OBSERVADAS	
1	Constituição da República Federativa do Brasil.
2	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com as respectivas alterações introduzidas pelas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 (que tratam da obrigatoriedade da inclusão da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena na educação básica), e Lei nº 11.525/2007 (que trata dos direitos das crianças e adolescentes no ensino fundamental).
3	Estatuto da Criança e do Adolescente.
4	Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos (CNE/CEB 7-2010).
5	Parecer Conselho Nacional de Educação CEB nº 15, de 04/07/2000 sobre uso de imagens comerciais nos Livros Didáticos.
6	LEI Nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, sobre obrigatoriedade do ensino de Música.
7	Parecer Conselho Nacional de Educação CNE/CP nº 03, de 10/03/2004 sobre as relações étnico-raciais e o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
8	Parecer Conselho Nacional de Educação CNE/CP nº 03, de 10/03/2004 sobre as relações étnico-raciais e o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
9	Resolução Conselho Nacional de Educação CNE/CP nº 01 de 17/06/2004 sobre as relações étnico-raciais e o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

10

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

- “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena.
- § 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE AS COLEÇÕES:

1	Como se apresenta a coleção?
2	Caracteriza-se como coleção didática?
3	Possui Livro do Estudante?
4	Possui Manual do Professor?
5	Possui Manual do Professor Multimídia?
6	Caracteriza-se como coleção do Tipo 1?
7	Evidencia o docente como interlocutor no Manual do Professor?
8	O Livro do Estudante respeita o número máximo de 400 páginas?
9	O Manual do Professor respeita o número máximo de 512 páginas?
10	Possui anexo ou similares em volume separado?
11	O Livro do Estudante possibilita ao estudante realizar atividades propostas?
12	Está redigida de acordo com as normas vigentes do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa?
13	Está adequada à etapa de escolarização e ao componente curricular Arte para os quais se inscreveu?
14	O conteúdo e as atividades do Livro do Estudante permitem a efetivação autônoma e suficiente da proposta didático-pedagógica, independentemente do Manual do Professor Multimídia?
15	O Livro do Estudante e o Manual do Professor impressos contêm identificação visual dos objetos educacionais digitais que estão disponíveis no Manual do Professor Multimídia correspondente?

OBSERVÂNCIA DE PRINCÍPIOS ÉTICOS NECESSÁRIOS À CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA E AO CONVÍVIO SOCIAL REPUBLICANO

1	Está isenta de preconceitos ou indução a preconceitos, relativos às condições regionais, econômico-sociais, étnico-raciais, de gênero, orientação sexual, idade, religião, linguagem, ou outra forma de discriminação ou violação de direitos?
2	Está isenta de publicidade de marcas, produtos ou serviços comerciais, bem como de doutrinação religiosa ou política e respeita o caráter laico e autônomo do ensino público?

3	Promove positivamente a cultura afro-brasileira e a dos povos indígenas brasileiros, dando visibilidade aos seus valores, tradições, organizações e saberes sócio e científicos, além de considerar seus direitos e sua participação em diferentes processos históricos que marcam a formação cultural brasileira?
----------	--

COERÊNCIA E ADEQUAÇÃO DA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA QUANTO À PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA	
1	Explicita no Manual do Professor os pressupostos teórico-metodológicos que a fundamentam?
2	Apresenta coerência entre a fundamentação teórica e os textos, atividades e exercícios propostos?
3	No caso de apresentar mais de um modelo teórico-metodológico de ensino, indica claramente a articulação entre eles?
4	Sua organização possibilita uma progressão em relação à maior complexidade de aprendizagem, apresentando no Manual do Professor as estratégias utilizadas para esse fim?
5	Apresenta propostas de abordagem do conteúdo que levam ao aprimoramento do pensamento autônomo e crítico?
6	Apresenta elementos que favoreçam a articulação entre os objetos de ensino-aprendizagem e suas funções socioculturais?
7	Articula os conteúdos apresentados para cada modalidade artística entre si e com os demais componentes curriculares?
8	Está adequada aos referenciais curriculares nacionais vigentes?
9	Explicita claramente no Manual do Professor a perspectiva interdisciplinar explorada pela obra somada a indicações de como planejar, desenvolver e avaliar projetos interdisciplinares?
10	Propõe atividades que articulem diferentes componentes curriculares, aprofundando as possibilidades de compreensão de questões relevantes para os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental? (p.27 a p.31 das Diretrizes Curriculares Nacionais)

AVALIAÇÃO DO MANUAL DO PROFESSOR	
1	No Manual do Professor, articula-se a proposta teórico-metodológica apresentada com formas, possibilidades, recursos e instrumentos de avaliação da aprendizagem?
2	No Manual do Professor, são explicitados os objetivos da proposta didático-pedagógica e os pressupostos teórico-metodológicos assumidos?
3	No Manual do Professor, há a descrição da organização geral da obra e a organização curricular do conhecimento em Arte nos volumes e na estruturação interna de cada um deles?
4	O Manual do Professor contém orientações para o desenvolvimento dos conteúdos, atividades e exercícios, visando à sua articulação entre cada volume da coleção (ou entre as diferentes partes do Livro do Estudante)?

5	No Manual do Professor, são apresentadas orientações sobre o modo de utilização adequada do Livro do Estudante, inclusive no que se refere às estratégias e aos recursos de ensino a serem empregados?
6	O Manual do Professor impresso contém sugestão de leituras que favoreçam a formação e a atualização do professor?
7	No Manual do Professor, há incentivo à reflexão sobre a prática docente por parte do professor?
8	No Manual do Professor, são apresentados textos de aprofundamento e propostas de atividades complementares às do Livro do Estudante?
9	No Manual do Professor são dadas orientações quanto ao uso didático do Manual do Professor Multimídia?
10	O Manual do Professor apresenta discussão específica a respeito dos anos finais do Ensino Fundamental, coerente com a legislação, as diretrizes e as normas oficiais referentes ao ensino de Arte?
11	O Manual do Professor contém orientações que auxiliem o trabalho com as imagens, partituras e outros veículos específicos que constam no Livro do Estudante?
12	O Manual do Professor indica as possibilidades de trabalho interdisciplinar na escola, oferecendo bibliografia, orientação teórico-metodológica e formas de articulação dos conteúdos do(s) Livro(s) do Estudante com outros componentes curriculares e outras áreas do conhecimento?
13	O Manual do Professor oferece propostas de atividades individuais ou em grupo que propiciem a compreensão das modalidades artísticas?
14	O Manual do Professor sugere bibliografia pertinente e atualizada no campo da Arte e do ensino de Arte e/ou outras referências que contribuam para a formação do professor?

AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

1	As atividades propostas possibilitam a articulação dos conteúdos?
2	As atividades são adequadas para se atingirem os objetivos propostos nas unidades temáticas?
3	Propiciam o desenvolvimento de habilidades do estudante, ampliando suas possibilidades de recepção, contextualização, expressão e criação, distinguindo e articulando diferentes modalidades artísticas?
4	Oferecem atividades que possibilitem a articulação dos conhecimentos artísticos com aqueles dos demais conteúdos curriculares, aprofundando as possibilidades de abordagem e compreensão de questões relevantes para o alunado dos anos finais do Ensino Fundamental?

AVALIAÇÃO DA ESTRUTURA EDITORIAL E PROJETO GRÁFICO

1	Possui legibilidade gráfica adequada quanto ao desenho e ao tamanho das letras, espaçamento entre letras, palavras e linhas, disposição do texto na página, considerando-se o nível de escolaridade a que o Livro do Estudante se destina?
2	Está isenta de erros de revisão e/ou impressão?

3	O texto principal está escrito em preto?
4	Os títulos e subtítulos estão claramente hierarquizados?
5	Apresenta referências bibliográficas especializadas, considerando a diversidade de manifestações artísticas abordadas?
6	Apresenta índice remissivo?
7	Apresenta indicação de leituras complementares?
8	O sumário reflete claramente a estrutura da obra e permite o rápido acesso às informações?
9	A impressão não prejudica a legibilidade no verso da página?
10	As ilustrações apresentadas são adequadas às finalidades para as quais foram elaboradas?
13	As ilustrações retratam a diversidade étnica da população brasileira, a pluralidade social e cultural do país?
14	Caso possua ilustrações, apresenta os respectivos créditos e clara identificação dos locais onde estão os acervos aos quais pertence a imagem?
15	Caso possua gráficos e tabelas, apresenta os respectivos títulos, fontes e datas?
16	Caso possua mapas ou imagens similares, apresenta as respectivas legendas em conformidade com as convenções cartográficas?
17	O projeto gráfico proporciona equilíbrio entre texto principal, ilustrações, textos complementares e as demais intervenções gráficas, permitindo o uso do material didático visando à compreensão, aplicação e avaliação da aprendizagem?
18	Os textos complementares estão identificados adequadamente, evitando sua confusão com o texto principal?

AVALIAÇÃO DO MANUAL DO PROFESSOR MULTIMÍDIA E OEDS

1	O Manual do Professor Multimídia apresenta o conteúdo dos livros impressos correspondentes integrado a objetos educacionais digitais?
2	O Manual do Professor Multimídia contém índice de referência dos objetos educacionais digitais?
3	O Manual do Professor Multimídia apresenta, como formato principal, paridade das páginas com os livros impressos correspondentes?
4	O Manual do Professor Multimídia apresenta coerência e adequação com a fundamentação teórico-metodológica adotada na coleção?
5	O Manual do Professor Multimídia explicita a relevância dos OEDs e do próprio Manual do Professor Multimídia no desenvolvimento das atividades pedagógicas a eles relacionadas?
6	O Manual do Professor Multimídia apresenta ao professor orientações específicas para o uso didático dos OEDs e do próprio Manual do Professor Multimídia?
7	O Manual do Professor Multimídia apresenta estrutura editorial e projeto gráfico adequado aos objetivos didático-pedagógicos da obra?
8	No Manual do Professor Multimídia, constata-se paridade de páginas e de conteúdos quando comparado aos livros impressos?
9	Há correspondência entre os conteúdos do Manual do Professor Multimídia e dos livros impressos, e integração pedagógica com os OEDs?

10	Os OEDs contribuem para a construção da cidadania e para o convívio social republicano, considerando todos os critérios de avaliação contidos no Bloco A desta ficha?
11	O Manual do Professor Multimídia e os OEDs estão isentos de conteúdos inadequados e de qualquer tipo de propaganda?
12	Os OEDs contribuem para a apropriação dos conhecimentos e para a compreensão de conceitos artísticos?
13	Os OEDs veiculam informações e representações corretas, contextualizadas e atualizadas?
14	Os OEDs apresentam créditos, fontes e demais referências, de acordo com as normas especificadas para a Coleção impressa?
15	No Manual do Professor Multimídia há Índice de Referência dos OEDs?
16	No Manual do Professor Multimídia o acesso aos OEDs pode ser feito igualmente, tanto pelo Índice de Referência quanto por meio de ícones?
17	Os OEDs são facilmente identificáveis nos livros Impressos por meio de ícone específico?
14	Nos OEDs do tipo vídeo, há legenda?

AVALIAÇÃO DA CORREÇÃO CONCEITUAL E DAS ESPECIFICIDADES	
1	Apresenta correção conceitual e de informação, incluindo vocabulário técnico específico das modalidades artísticas?
2	Apresenta conceitos, informações e/ou propostas metodológicas atualizadas?
3	Apresenta, de modo contextualizado e atualizado, conteúdos, conceitos e/ou informações em exercícios, atividades, ilustrações ou imagens?
4	Promove o Ensino de Arte em suas diferentes modalidades?
5	Promove o desenvolvimento cultural dos estudantes?
6	As modalidades cênica, visual, plástica, audiovisual e musical são contempladas nas atividades propostas?
7	Proporciona o estudo de modalidades não verbais e o uso expressivo da metalinguagem?
8	Estimula a produção de material cênico, visual, plástico, audiovisual e musical para a construção de conhecimentos no campo artístico e a consequente exposição dos resultados?
9	Oferece referências para o Ensino de Arte, especialmente em suas modalidades e manifestações regionais, de forma diversificada?
10	Promove a interdisciplinaridade dos conteúdos e das habilidades artísticas?

Após cada bloco de questões, cada avaliador desenvolveu os seguintes enunciados:

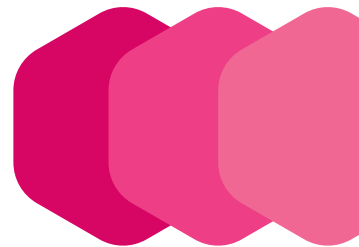
ARGUMENTAR E JUSTIFICAR (COM EXEMPLOS), OBSERVANDO:	
1	Porque não apresenta os itens;
2	Porque atende parcialmente;

3

Os itens que atende plenamente.

DISSERTAR SOBRE A SÍNTESE DO CONJUNTO.

REFERÊNCIAS



BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: Lei nº 9.394/1996 e demais alterações. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013.

BRASIL. MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos**. In: BRASIL. MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013.

BRASIL. MEC. **Edital de Convocação 2/2015-CGPLI**. Processo de Inscrição e Avaliação de Obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2017. Brasília: MEC, 2015. <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-editais/item/6228-edital-pnld-2017>

BRASIL. MEC. **Parecer CNE/CEB nº 15, de 04 de julho de 2000**. Pertinência do uso de imagens comerciais nos livros didáticos.

BRASIL. MEC. **Parecer CNE/CP nº 003, de 10 de março de 2004**. Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

BRASIL. MEC. **Parecer CNE/CP nº 14, de 06 de junho de 2012**. Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

BRASIL. MEC. **Portaria Normativa nº 21, de 28 de agosto de 2013**. Dispõe sobre a inclusão da educação para as relações étnico-raciais, do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, promoção da igualdade racial e enfrentamento ao racismo nos programas e ações do Ministério da Educação, e dá outras providências.

BRASIL. MEC. **Resolução Conselho Nacional de Educação CNE/CP nº 01 de 17/06/2004**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

BRASIL. MEC. **Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012.** Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.**

BRASIL. Presidência da República. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei nº 8.069, de 13 de julho 1990 e demais alterações.

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

